



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**LETÍCIA MOURA PATRÍCIO DA SILVA**

**COMPORTAMENTOS ABUSIVOS E/OU VIOLENTOS EM**  
**RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE MULHERES**  
**AMAZÔNIDAS**

**MANAUS – AM**

**2024**



**LETÍCIA MOURA PATRÍCIO DA SILVA**

**COMPORTAMENTOS ABUSIVOS E/OU VIOLENTOS EM  
RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE MULHERES  
AMAZÔNIDAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre(a) em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Processos Psicológicos e Saúde.

Orientadora: Denise Machado Duran Gutierrez

**MANAUS – AM**

**2024**

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586c Silva, Leticia Moura Patrício Da  
Comportamentos abusivos e/ou violentos em relacionamentos íntimos a partir da perspectiva de mulheres Amazônidas / Leticia Moura Patrício Da Silva . 2024  
106 f.: il.; 31 cm.

Orientadora: Denise Machado Duran Gutierrez  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Violência por parceiro íntimo. 2. Violência de Gênero. 3. Mulheres. 4. Análise Temática. I. Gutierrez, Denise Machado Duran. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

**SILVA, L. M. P. D. Comportamento abusivos e/ou violentos em relacionamentos íntimos a partir da perspectiva de mulheres amazônidas.** n° de folhas 106f. Dissertação Universidade Federal do Amazonas. Orientador Denise Machado Duran Gutierrez. Manaus – Amazonas, 2024.

Aprovado em 23/08/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. (a) Denise Machado Duran Gutierrez  
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. (a) Lidianny de Lima Cavalcante  
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. (a) Stela Nazareth Meneghel  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico a todas as mulheres que (re)existem

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe, meu pai e minha irmã. Obrigada por todo apoio incondicional e por investirem o seu amor em mim. Ser uma pessoa amada foi fundamental para a realização dos meus projetos de vida. Só sou e estou aqui por conta de vocês.

Aos meus familiares de Pernambuco que mesmo de longe se fizeram presentes torcendo por mim.

Aos amigos que fiz no mestrado, agradeço todo o apoio e trocas de angústias, pois compartilhar o peso de ser uma mestranda gera pertencimento, acolhimento e segurança que nos motiva a escrever.

Agradeço ao Cleison, Keyla e Aline que juntamente comigo compõem o Núcleo de Daseinsanálise do Amazonas. Sem o apoio de vocês nos encontros com os estudos e pastéis a trajetória do mestrado teria sido difícil.

Agradeço a Rebeca e Marselle que desde o início, mas principalmente nessa reta final, estão me dando suporte para lidar com as demandas existenciais.

A minha orientadora, Denise, por todos os aprendizados e ensinamentos durante as supervisões.

A todos os meus amigos, que são muitos, obrigada por contribuírem com meu crescimento enquanto pessoa.

A mim mesma por não desistir do sonho de me tornar professora e primeira mestre da família Moura.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à

Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo apoio ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (PPGPSI-UFAM).

Tem quem queira conquista uma mulher forte.  
Não para estar com ela,  
Mas para anulá-la.  
O fetiche é pela carcaça  
Pela cabeça pendurada na sala de estar.

(Suelen Machado)



SILVA, L. M. P. D. **Comportamento abusivos e/ou violentos em relacionamentos íntimos a partir da perspectiva de mulheres amazônidas**. 106f. Dissertação Universidade Federal do Amazonas. Orientador Denise Machado Duran Gutierrez. Manaus – Amazonas, 2024.

## RESUMO

Ser mulher é ser marcada desde o nascimento, até a finitude pela possibilidade de lidar com a violência, pois estamos inseridas em uma sociedade patriarcal em que violências de gênero predominam. A violência contra a mulher é exercida em diversos contextos e uma das principais formas de violência exercida contra a mulher é observada em relacionamentos íntimos amorosos. A sua vivência é responsável pela vulnerabilização e traz consequências à saúde física e, principalmente, à saúde mental das mulheres, impactando diretamente a sua qualidade de vida. Desse modo, faz-se relevante estudar a temática considerando os processos psicológicos e de saúde que são vivenciados pelas vítimas de violência, pois assim, as práticas dos profissionais nos serviços de saúde podem ser aprimoradas, proporcionando melhor acolhimento. Voltar o olhar para as mulheres da Amazônia também é proporcionar um espaço de acolhimento e atenção às demandas das mulheres da região norte, que possuem um contexto histórico marcado por diversas violências decorrentes do período da colonização e que influenciam até hoje suas existências. Em vista disso, o objetivo geral da dissertação foi **analisar as experiências de relações abusivas na vida de mulheres amazônidas**. Subsidiariamente buscamos: **1.** identificar os tipos de violência que se faziam presentes nas relações abusivas das participantes; **2.** conhecer as influências dos dispositivos de gênero que sustentam a relação e permanência das mulheres; **3.** descrever os efeitos de uma relação amorosa marcada por violência na vida atual das participantes. A pesquisa se delineou pelo modelo qualitativo e a análise temática foi utilizada para compreensão das experiências das participantes. Como resultados observa-se a violência psicológica e física de maneira intensa, que resultaram em diversos agravos à vida atual das participantes. Além disso, as participantes também estavam no relacionamento violento por influência dos dispositivos de gênero materno e amoroso.

Palavras-chave: Violência por parceiro íntimo; Violência de Gênero; Mulheres; Análise Temática.

SILVA, L. M. P. D. **Abusive and/or violent behavior in intimate relationships from the perspective of Amazonian women.** 106f. Dissertation. Federal University of Amazonas. Supervisor: Denise Machado Duran Gutierrez. Manaus – Amazonas, 2024.

### ABSTRACT

Being a woman means being marked from birth to death by the possibility of dealing with violence, as we live in a patriarchal society where gender-based violence predominates. Violence against women occurs in a variety of contexts, and one of the main forms of violence against women is observed in intimate romantic relationships. This experience makes women vulnerable and has consequences for their physical and, especially, mental health, directly impacting their quality of life. Therefore, it is important to study this topic considering the psychological and health processes experienced by victims of violence, so that the practices of health professionals can be improved to provide better support. Focusing on women in the Amazon also means providing a space for support and attention to the demands of women in the northern region, who have a historical context marked by various forms of violence resulting from the colonization period, which still influences their existence today. In view of this, the general objective of the dissertation was **to analyze the experiences of abusive relationships in the lives of Amazonian women.** Additionally, the study aimed to: **1.** identify the types of violence present in the abusive relationships of the participants; **2.** understand the influences of gender dynamics that support the relationship and permanence of the women; **3.** describe the effects of a romantic relationship marked by violence on the current lives of the participants. The research followed a qualitative model, and thematic analysis was used to understand the experiences of the participants. As a result, intense psychological and physical violence was observed, which led to several harms in the current lives of the participants. Additionally, the participants remained in the violent relationships due to the influence of maternal and romantic gender dynamics.

Keywords: Intimate partner violence; Gender violence; Women; Thematic analysis.

SILVA, L. M. P. D. **Comportamientos abusivos y/o violentos en las relaciones íntimas desde la perspectiva de las mujeres de la Amazonía.** 106f. Disertación. Universidad Federal de Amazonas. Tutor/a: Denise Machado Duran Gutierrez. Manaus – Amazonas.

## RESUMEN

Ser mujer significa estar marcada desde el nacimiento hasta el final por la posibilidad de afrontar la violencia, ya que estamos insertas en una sociedad patriarcal en la que predomina la violencia de género. La violencia contra la mujer se lleva a cabo en diferentes contextos, y una de las principales formas de violencia contra la mujer se observa en las relaciones íntimas amorosas. Esta experiencia es responsable de la vulnerabilidad y tiene consecuencias para la salud física y, principalmente, la salud mental de las mujeres, impactando directamente en su calidad de vida. Por lo tanto, es relevante estudiar el tema considerando los procesos psicológicos y de salud que viven las víctimas de violencia, ya que de esta manera se pueden mejorar las prácticas de los profesionales en los servicios de salud, brindando una mejor acogida. Dirigir nuestra atención a las mujeres de la Amazonia significa también brindar un espacio de acogida y atención a las demandas de las mujeres de la región norte, que tienen un contexto histórico marcado por diversas formas de violencia derivadas del período de colonización y que influyen en su existencia hasta el día de hoy. Ante esto, el objetivo general de la disertación fue **analizar las experiencias de relaciones abusivas en la vida de las mujeres amazónicas**. Subsidiariamente, buscamos: **1.** identificar los tipos de violencia que estaban presentes en las relaciones abusivas de las participantes; **2.** conocer las influencias de los dispositivos de género que apoyan las relaciones y la permanencia de las mujeres; **3.** describir los efectos de una relación romántica marcada por la violencia en la vida actual de las participantes. La investigación se diseñó utilizando un modelo cualitativo y se utilizó el análisis temático para comprender las experiencias de las participantes. Como resultado, se observa intensa violencia psicológica y física, que resultó en varios problemas en la vida actual de las participantes. Además, las participantes también estaban en una relación violenta debido a la influencia de dispositivos de género maternal y romántico.

Palabras clave: Violencia de pareja; Violencia de género; Mujer; Análisis temático.

## **LISTA DE SIGLAS**

AT- Análise Temática

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP – Comitê de Ética e Pesquisa

CNS- Conselho Nacional de Saúde

CSPA- Centro de Serviço de Psicologia Aplicada

COVID-19- Coronavírus disease 2019

FAPSI- Faculdade de Psicologia

OMS – Organização Mundial de Saúde

PCD – Pessoa com deficiência

SEAI- Secretaria Executiva Adjunta de Inteligência

SINAM- Sistema Nacional de Atendimento Médico

SSP-AM - Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> <i>Características das Participantes 1</i> .....	61
<b>Quadro 2.</b> <i>Apresentação de temas e códigos</i> .....	63

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>20</b>
2.1 Mulheres e gênero.....	20
2.2 De relações amorosas para relações marcadas por violência.....	28
<b>3. MÉTODO .....</b>	<b>33</b>
3.1 Delineamento metodológico .....	33
3.2 Cuidados éticos.....	37
3.3 Procedimentos de análise.....	37
<b>4. RESULTADOS.....</b>	<b>40</b>
4.1 Mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos e/ou marcados por violência em suas relações com parceiros íntimos.....	40
4.2 Buscando o amor, ela encontrou dor: Experiências de mulheres do Amazonas sobre relacionamentos amorosos marcados por violência.....	54
4.2.1 Características do agressor e contexto das violências.....	65
4.2.2 Ser uma mulher que vive uma relação marcada por violência.....	70
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>91</b>
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....	91
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista .....	94
APÊNDICE C – Banner de divulgação da pesquisa.....	96
<b>ANEXOS .....</b>	<b>97</b>
ANEXO A - Anuência do CSPA .....	97
ANEXO B – Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) .....	98

## 1. INTRODUÇÃO

Falar a respeito de relacionamentos íntimos com comportamentos abusivos é direcionar um olhar atento à saúde das mulheres, tendo em vista que essa é a população mais afetada e atravessada pela violência. Ademais, é necessário contextualizar o fenômeno para compreendermos suas consequências na vida de mulheres vítimas de violências em relações amorosas.

As relações violentas e abusivas ultimamente têm ganhado destaque nas mídias sociais e este tipo de relação tem como característica o abuso de poder e controle que um indivíduo exerce sobre o outro. Neste modelo de relação a violência pode ser exercida de diversas formas e a vítima é a pessoa que sofre os impactos do controle e manipulação de seu abusador (Freitas & Sales, 2019).

Para Souza e Silva (2022), o relacionamento abusivo é uma forma de relação em que há violência naturalizada em suas várias facetas, cuja finalidade é o controle e subjugação do outro. O que sustenta a violência nas relações afetivas é a violência de gênero que ocasiona consequências físicas e mentais, pois baseia-se em uma relação de poder de um gênero sobre outro. Nesse sentido, a violência contra a mulher, exercida dentro de uma relação íntima, é identificada como um mal do século XXI, devido a existência de agressão direta à vida social de mulheres. E ainda se observa que este tema recobre questões identitárias, étnico-raciais e de classe social (Viana, 2021).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) a violência por parceiro íntimo é um problema de ordem mundial que pode ocorrer independentemente do grupo cultural, social e religioso. Além disso, o envolvimento afetivo e a dependência financeira, existente entre as mulheres vitimadas e o seu parceiro abusador, gera implicações e consequências para o modelo de abuso e possibilidades de resolução dessa situação.

A violência física e psicológica são as duas principais formas de violência em relações íntimas, mudando apenas de posição entre si. A violência sexual aparece geralmente em terceiro lugar (Mascarenhas *et al.*, 2020; Venturin *et al.*, 2020). Nesse sentido, é comum a violência psicológica ocorrer de maneira isolada, diferentemente das demais formas de

violência que muitas vezes estão sobrepostas <sup>1</sup>(Vasconcelos *et al.*, 2021). A violência psicológica é a mais frequente e pode aparecer de forma extremamente sutil, quase que imperceptível inclusive para quem a vivência.

As agressões ocorrem em sua maioria nos lares e o uso da força física para realização dos atos violentos remonta à ideia de dominação sustentada pelo patriarcado e a idealização de uma suposta superioridade dos homens em relação as mulheres, devido a diferença entre gêneros (Vasconcelos *et al.*, 2022). Além disso, a violência exercida por parceiros íntimos no contexto doméstico pode ser naturalizada pela sociedade ou pelas próprias vítimas, pois, por se manifestarem em um espaço privado, tendem a ser vistas como uma questão individual ou do casal (Freitas & Sales, 2019). A frase popularmente conhecida no senso comum “em briga de marido e mulher, não se mete a colher” nos ajuda a refletir sobre a naturalização de uma questão que é social e de responsabilidade de todos enquanto sociedade.

A nível mundial, a revisão realizada pela OMS (Stockl *et al.*, 2013) demonstrou que 1 em cada 7 homicídios é realizado por parceiro íntimo, sendo a quantidade de mulheres mortas por parceiros 6 vezes maior do que a de homens mortos em tal situação. Globalmente, 27% das mulheres, que se casaram ou tiveram parceria íntima em idade reprodutiva, referem ter sofrido agressão física e/ou sexual por pelo menos uma vez. Em torno de 753 milhões de mulheres que se relacionavam com homens, com idade igual ou superior a 15 anos foram vítimas de violências em suas relações (Organização Mundial de Saúde, 2021).

No âmbito nacional, o estudo feito por Vasconcelos *et al.* (2021) destacou uma maior prevalência da violência psicológica em mulheres que vivenciaram um relacionamento violento, além disso, as mais jovens, com menor escolaridade, que se autodeclararam pretas e com menor renda, obtiveram maior prevalência de violência por parceiro íntimo. A menor autonomia financeira da mulher se relaciona com o controle que o seu parceiro possui, impedindo com que esta saia de casa e consiga trabalhar. Dessa forma, a mulher fica cada vez mais dependente de seu agressor e mais exposta à violência que ocorre dentro de uma relação amorosa.

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que a pesquisadora e orientadora possuem o aceite de um capítulo de livro intitulado “Mulheres que vivenciaram relacionamentos abusivos e/ou marcados por violência em suas relações com parceiros íntimos” no livro “Mulheres na educação e na vida – narrativas de trajetórias em transições”, com apoio CAPES FAPEAM no âmbito do PROCAD Amazônia.



Uma pesquisa desenvolvida pelo Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023) identificou que 33,4% das mulheres de 16 anos de idade ou mais vivenciaram violência física e sexual, sendo 24,5% abuso físico, 21,1% violência sexual e em relação a violência psicológica temos um percentual de 43%. Vale ressaltar que o perfil de mulheres que vivenciam violência em relacionamentos íntimos no Brasil corresponde a mulheres com predomínio de raça negra (52,0%), moradoras da área urbana (88,6%) e casadas ou em união consensual (49,5%) (Secretaria de Vigilância em Saúde, 2020).

A nível estadual, a Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher, desenvolvida pelo DataSenado (2024), destacou que 38% das mulheres do Amazonas sofreram alguma forma de violência no ambiente doméstico ou familiar, ocasionada por homens, dado superior ao resultado da pesquisa a nível nacional que corresponde a 30%. Além disso, o número de mulheres que possuem alguma amiga ou conhecida que sofreu violência doméstica também é superior ao índice nacional, que totaliza 68 %, enquanto no Amazonas corresponde a 74%. No que tange ao conhecimento da Lei Maria da Penha, observa-se que no estado é menor o número de mulheres que entendem e conhecem a lei (17%) em comparação com mulheres brasileiras em um contexto geral (24%). Nesse sentido, as mulheres do Amazonas estão vivenciando mais violência e mais são vulneráveis, pois não conhecem seus direitos e leis que as protegem das violências, sendo esse dado extremamente importante para estudar tal temática na região.

No contexto municipal de Manaus identificou-se o estudo desenvolvido por Viana (2021). Os dados a respeito da Secretaria Executiva Adjunta de Inteligência (SEAI) que é vinculada à Secretaria de Segurança Pública do Estado do Amazonas (SSP-AM) apontam que em 2019 foram notificados 68.331 crimes contra a mulher, sendo 15.199 casos de violência doméstica que envolviam agressões, tais como, lesão corporal, difamação e violação de domicílio. Além disso, os resultados do estudo constataram que na cidade de Manaus, no ano de 2019, houve 09 casos de feminicídio e todos os casos foram praticados por companheiros íntimos, afetivos e/ou sexuais e os crimes ocorreram em locais com índice de violência acentuado na região. Entende-se que muito possivelmente os dados em relação aos casos de feminicídio na cidade de Manaus podem estar subestimados, tendo em vista a conjuntura do sistema patriarcal, que influencia as instituições no que tange ao silenciamento e a não notificação correta das notificações.

Foram ainda identificados estudos que abordam relacionamentos amorosos abusivos a partir de teorias da psicologia, como a pesquisa desenvolvida por Souza e Samico (2021)

que buscaram compreender a partir da psicanálise Freudiana e Lacaniana como se constitui um relacionamento abusivo e o motivo das mulheres serem as principais vítimas dessas relações, dentro de um contexto da pandemia de COVID-19. Apesar de tratar as questões sociais que envolvem os relacionamentos abusivos, o estudo destaca que é necessário considerar o inconsciente que rege o sujeito na busca da completude do que falta.

Um segundo estudo buscou avaliar a validade das Qualidade da relação com as pessoas próximas que demonstra as formas de violência presentes em relacionamentos afetivos, relacionando esta escala com a teoria do apego (Tosta & Cassepp-Borges, 2021). Os resultados da pesquisa demonstraram que as mulheres participantes sofrem de maneira mais significativa com os efeitos das violências físicas. Em relação as atitudes controladoras, os homens são os que mais praticando que são vítimas de tal situação. Em contrapartida, a revisão de Baldissera *et al.* (2021) buscou analisar as contribuições da Terapia do Esquema<sup>2</sup> no contexto de violência ocasionada por parceiro íntimo e seus resultados demonstram que a psicoeducação gerada por esta modalidade de terapia auxilia o prognóstico do tratamento de mulheres que lidam com a violência.

Apesar dos estudos discutirem questões de gênero e seus atravessamentos dentro de um relacionamento íntimo marcado por violência, os resultados de pesquisas aqui comentadas não possuem como foco principal a questão de gênero e tecnologias e dispositivos de gênero, que podem vir a explicar a violência acarretada e a permanência de mulheres em relações abusivas. Ademais, não foram achados estudos que façam uma leitura de gênero a partir da vivência de mulheres que sofreram violência por parceiro íntimo na cidade de Manaus. Somente o estudo desenvolvido por Viana (2021), mas o foco do seu trabalho é abordar a violência doméstica e feminicídio na cidade de um ponto de vista quantitativo.

Tendo em vista as informações anteriores, o presente estudo se propôs a pesquisar a temática do relacionamento íntimo com comportamentos abusivos a partir da perspectiva de mulheres amazônidas, considerando a teoria dos dispositivos de gênero. A questão de pesquisa que delinea a presente investigação se baseia nos seguintes questionamentos: Como mulheres amazônidas experenciam um relacionamento abusivo? Quais os efeitos de uma relação marcada por violência na vida atual dessas mulheres?

---

<sup>2</sup> A terapia do esquema é uma abordagem da psicologia inserida dentro do campo das terapias cognitivas comportamentais. Trabalha com a ideia de que esquemas, que são formados por nossas relações da infância e experiências pessoais, são responsáveis por influenciar nossos pensamentos e comportamentos

Para a viabilidade do estudo, o objetivo geral buscou analisar as experiências de relações abusivas na vida de mulheres amazônidas e, os objetivos específicos<sup>3</sup>: **1)** Identificar os tipos de violência que se faziam presentes nas relações abusivas das participantes; **2)** Conhecer as influências dos dispositivos de gênero que sustentavam a relação e permanência das mulheres; **3)** Descrever os efeitos de uma relação amorosa marcada por violência na vida atual das participantes.

O estudo em questão possui alta relevância social, pois o relacionamento abusivo é questão de saúde pública, tendo em vista que esse fenômeno é sustentado pela violência de gênero, representando um fator de risco à vida de mulheres. Vale destacar que pesquisar sobre o tema a partir de um contexto nortista é proporcionar um espaço de compreensão e questionamento que são fundamentais para o processo de uma desejada mudança coletiva. Além disso, a pesquisa possibilita um espaço de acolhimento e atenção à saúde mental das mulheres. Tematizar esse fenômeno a partir da perspectiva de mulheres da camada popular de Manaus também possibilita um espaço para que essas mulheres, que mais sofrem violência em relações amorosas, sejam escutadas, compreendidas e legitimadas em sua identidade e vivência.

No meio científico, especificamente no que tange à ciência psicológica, é relevante produzir estudos que olhem para esse fenômeno, considerando a problemática de gênero que sustenta relações desamorosas e violentas e o adoecimento psíquico que mulheres podem vir a experimentar. Outro fator a ser considerado é a busca de terapia devido aos efeitos de vivenciar relacionamentos íntimos abusivos e, para que o profissional da psicologia tenha suporte para atender tal demanda, é necessário que ele tenha referências teóricas que considerem estudos de gênero localizados nesse espaço regional.

Enquanto relevância pessoal identifique a minha própria trajetória de vida que, desde o ingresso no curso de psicologia, minhas principais pesquisas e temas de interesses estavam voltados as mulheres, relações amorosas e gênero. Essas temáticas sempre me cativaram e ainda me movem enquanto pesquisadora, profissional e na minha vida pessoal. Escrever essa dissertação e ter a temática de relacionamentos amorosos associada a mim, fez todo sentido. Sinto que fui feliz, apesar das dificuldades que são inerentes ao processo de escrita e de ser uma pesquisadora que divide a vida entre estudos, trabalho e vida social. Além disso, sou

---

<sup>3</sup> Foi submetido um artigo (Buscando o amor, ela encontrou dor: Experiências de mulheres do Amazonas sobre relacionamentos amorosos marcados por violência) com os resultados do presente estudo, na revista Psicologia Teoria e Prática, Qualis/CAPES: A2.

uma mulher cis e heterossexual, devido a isso, também divido o doloroso espaço do que é ser mulher no Brasil. Por ser psicóloga, me deparei com o tema em diversos atendimentos clínicos, seja na clínica particular ou nos atendimentos realizados no Sistema Único de Saúde (SUS), a partir de uma especialização em Saúde Pública com ênfase em Estratégia Saúde da Família<sup>4</sup>. Desse modo, a partir de minha experiência profissional que me permite ter contato com diversas mulheres amazônidas inseridas em variados contextos, é possível afirmar que muitas mulheres no contexto regional estão buscando ou pensam em iniciar um acompanhamento psicológico para lidarem com os efeitos de uma relação íntima marcada por violência.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Mulheres e gênero

Para falarmos sobre mulheres, gênero e desigualdades de gênero, precisamos introduzir algumas questões que compõem a formação do mundo e da cultura que conhecemos hoje. Berger (1985) destaca que a sociedade humana é formada por uma construção de mundo em uma relação de mão dupla, de mútuas afetações. Homem e sociedade existem, se influenciando simultaneamente e a sociedade é responsável pela concretização do homem como indivíduo. Ser um ser humano é ser um ente inacabado e sem medidas prontas, que possui como tarefa a ação de se realizar no mundo em uma relação contínua, diferentemente dos demais animais que, por instinto, se guiam e vivem fechados em si mesmos. A partir disso o homem dá sentido as coisas, produzindo a cultura e a linguagem. Dentro de uma determinada cultura, os papéis sociais são desempenhados e atuam como “roupas” conferindo ao indivíduo uma identidade social. Nesse sentido, podemos dizer que ele não é passivo à absorção do mundo social, mas é participante ativo na adesão aos papéis. Observamos também que os homens, por não possuírem fundamento e na tentativa de assumir uma ordem que atribua sentido à sua existência, são tomados pela criação, dessa forma, como construção mundanas podemos observar que a religião faz parte

---

<sup>4</sup> Especialização em andamento realizada pela Escola de Saúde Pública de Manaus (ESAP), Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e Escola de Saúde Pública de Manaus (ESAP).

também deste empreendimento. A religião aparece como uma forma de transcendência da rotina cotidiana e também como um fenômeno que corresponde ao homem, nesse sentido, podemos dizer que ao mesmo tempo em que o homem se relaciona com o sagrado como sendo algo poderoso e distinto, o sagrado também se direciona ao humano como um aval normatizador, colocando ordem nas existências que até então se encontram sem fundamento. A partir dessa dialética entre homem e mundo, criam-se as ideologias que muitas vezes vão ser responsáveis por ocasionar a violência e exclusão de determinadas existências.

Quando falamos de desigualdades de gênero podemos observar que elas se originam a partir da construção do patriarcado que se fundamentou, principalmente, a partir do cristianismo e até hoje ressoa na existência de todos. Esse sistema se deu através das religiões e, no contexto brasileiro a partir do processo de colonização, as religiões católicas ou oriundas do protestantismo foram as principais responsáveis por posicionar mulheres em um espaço de submissão em relação aos homens. O pai/homem era e é quem dita as regras que devem ser seguidas por toda a família, nesse sentido, a cristalização do modelo patriarcal ressoa até a atualidade nas desigualdades entre as relações de gênero (Gomes & Assunção, 2021). Para Scott (1995), gênero foi sendo estudado levando em consideração um contexto histórico que olha para a questão de gênero considerando apenas a perspectiva dos homens (como citado em Fernandes & Junqueira, 2021).

O patriarcado fez parte da construção da sociedade brasileira e, apesar de termos na nossa Constituição a igualdade entre homens e mulheres, não vemos isso na prática, pois o patriarcado privilegia os homens, enquanto coloca mulheres e outros gêneros em posição de desvantagem. No subconsciente coletivo o patriarcado ainda continua se mantendo e controlando através da dominação masculina, gerando a subordinação feminina e diversas violências de gênero e relações desiguais (Mazzeo, 2015).

Na tentativa de superar o determinismo biológico que sustenta a ideia de sexo enquanto determinação biológica de corpos, teóricas feministas utilizam o termo gênero enquanto construção social do sexo. No entanto, a ideia de gênero ainda remonta a um certo determinismo, dessa vez, o determinismo cultural, imposto ao que é ser mulher e homem, por exemplo. Nesse sentido os corpos estariam à disposição de uma cultura que constrói e dita, a partir de mecanismos jurídicos como os corpos devem se comportar socialmente. Desse modo, corpos que escapam a esse modelo são excluídos (Butler, 2022).

A frase da Beauvoir (2019) “*não se nasce mulher, torna-se*” remonta a ideia de que o tornar-se mulher ocorre desde sempre em uma imposição cultural. Dessa forma, apesar de

o “tornar-se” carregar a ideia de escolha, essa “escolha” é uma ordem dentro de um modelo da heterossexualidade compulsória para que pessoas com vagina se comportem como uma mulher deve se comportar, a depender da cultura em que ela esteja inserida. Esse comportamento se dá através de atos performativos que desencadeiam uma suposta identidade feminina. Apesar dessa identidade parecer fixa, é necessária a repetição de atos ditos femininos de maneira contínua para que ela se mantenha (Firmino & Porchat, 2017). A autora vai descrevendo ao longo de sua obra o quanto a história, e até mesmo a ciência, religião e filosofia designaram a mulher como inferior em relação ao homem. A história foi criada por homens, nesse sentido, eles posicionaram as mulheres como parte deles e não como um ser autônomo. O homem pode ser imaginado sem a mulher, diferentemente da mulher que não é pensada sem um homem, portanto, enquanto um é humanizado como o absoluto, a mulher seria o Outro do homem. Desse modo, a história segue privilegiando homens que ocupam e se mantêm ocupando posições de poder, enquanto para as mulheres os espaços ainda estão sendo conquistados (Beauvoir, 2019).

O gênero também pode ser pensado a partir do resultado de diversas tecnologias sociais presentes no nosso cotidiano, como por exemplo, internet, mídias sociais, filmes, jornais, pesquisas científicas, arte etc. Nesse sentido, gênero representa efeitos de ações e interações sociais, excluindo assim o caráter de inato que muitas vezes este termo carrega (Pereira, 2009). Nesse sentido, é possível dizer que os sujeitos são constituídos pelas particularidades de gênero, ou seja, são *gendrados* pelas relações culturais que abrangem as interseccionalidades de raça e classe, por exemplo (Baére & Zanello, 2018).

As tecnologias de gênero reproduzem formatos privilegiados de subjetivação que definem diferenças entre homens e mulheres. Esses processos são mantidos através dos dispositivos que são permeados através da cultura e processo histórico (Zanello, 2018). Dessa maneira, Foucault (1984), pontua que os dispositivos representam conjuntos heterogêneos responsáveis por envolver discursos, arquiteturas, instituições, leis, ciências e discursos filosóficos que controlam corpos vulneráveis. O corpo da sociedade é o corpo que deve ser protegido de ameaças, nesse sentido, os doentes serão eliminados, os delinquentes afastados e colocados à margem, pessoas que transgridem as normas de gênero serão violentadas, mulheres controladas e assim sucessivamente (Foucault, 2023). O Estado realiza esse controle e dirige os corpos através dos diversos dispositivos existentes, como mencionados acima. Derivados da relação de poder, os dispositivos são configurados e

constituídos pelas tecnologias de gênero e tem como função a subjetivação de sujeitos a partir do controle.

Dentro de uma determinada cultura os dispositivos atuam como “manuais” que moldam a performance dos indivíduos, como por exemplo, as performances de gênero do que é ser homem e mulher. A partir disso, Zanello (2018) destaca a existência de dois dispositivos voltados à subjetivação da identidade das mulheres, sendo eles, o *Amoroso* e o *Materno* e, para os homens, o dispositivo da *Eficácia*, que corresponde ao campo da eficácia laborativa e sexual.

O dispositivo amoroso tem como base a ideia de amor romântico e representa uma forma de controle e desempoderamento para as mulheres, pois atua como um processo constituinte de suas identidades. Além disso, o amor romântico pode contribuir com a dependência emocional em que as mulheres se subjetivam a partir do olhar de um homem que as escolhe. O casamento e as relações amorosas se tornam o foco central de suas vidas, e em defesa de uma posição na sociedade, muitas mulheres podem tolerar relações desamorosas, pois não basta ser escolhida afetivamente por um homem, é necessário continuar se mantendo a escolha dele (Baére & Zanello, 2018).

Zanello (2018), para ilustrar o dispositivo amoroso, criou a metáfora da *prateleira do amor*, que impulsionada pelo modo capitalista, é constituída por um padrão ideal de beleza que na atualidade é o ser magra, jovem, alta e loura. Qualquer mulher que escape desse padrão estético, como por exemplo, mulheres gordas, negras, PCD's e mais velhas serão preteridas. De maneira geral quanto mais longe do ideal destacado pela prateleira as mulheres se encontram, mais a sua autoestima é afetada e a sensação de estar “encalhada” é vivenciada. O preterimento afetivo que essas mulheres presenciam tem como base o olhar do homem que as escolhe. Mesmo as mulheres em posições mais “favoráveis” na prateleira também estão vulneráveis, pois estão sujeitas ao envelhecimento e mudanças corporais que a retiram da posição mais privilegiada (Zanello, 2022).

A mulher tem as suas afetividades e performances socializadas a partir do ideal estético vigente na prateleira, dessa maneira, esse ideal possui valor identitário. Na dinâmica da prateleira do amor quem tem a ganhar são apenas os homens, pois estes possuem a certeza de que serão amados independentemente de qualquer circunstância mental, financeira, social e física. De maneira geral, um homem só permanece solteiro se assim quiser. Nesse sentido, o dispositivo amoroso faz com que mulheres aceitem qualquer tipo de situação em relações íntimas, até mesmo a violência. A autoestima é voltada a aparência física, e as mulheres só

se percebem enquanto interessantes e desejáveis se forem cativadas por alguém. A passagem do tempo também funciona como um fator cruel para as mulheres, pois com o tempo e o relógio biológico em jogo, estas terminam *se casando com o casamento* e aceitando qualquer situação. Aí também reside a dificuldade que muitas mulheres possuem em terminar uma relação íntima violenta, pois terminar uma relação é se colocar na posição de mulher que fracassou e tem que retornar a prateleira (Zanello, 2022).

O dispositivo amoroso também é responsável pela rivalidade feminina, pois para ser escolhida por um homem cada mulher deve se sobressair em relação à outra. Um exemplo é observado quando a atual esposa termina tendo conflitos com a ex esposa/namorada ou com qualquer outra mulher que represente uma ameaça à relação e, conseqüentemente, ao seu valor de mulheridade. Outro ponto cruel desse dispositivo é o silêncio. Em relações afetivas, mulheres terminam se calando, silenciando e guardando as suas questões para conseguir manter o bem-estar do parceiro e as relações íntimas, pois são ensinadas a se responsabilizar pelo cuidado com as relações e o outro (Zanello, 2022).

O dispositivo materno, a partir do discurso de instinto materno atribuí às mulheres a procriação e o cuidado. Além de delegar e cobrar das mulheres a maternidade, esse dispositivo interfere em relacionamentos e atividades laborais, tendo em vista que as mulheres tendem a exercer o papel de cuidado em diversas relações, principalmente as amorosas. Qualquer mulher que escape desse dispositivo será cobrada socialmente (Baére & Zanello, 2018).

As diversas perspectivas científicas foram responsáveis pela ideia de um suposto instinto materno em mulheres. Nesse sentido, a maternidade foi imposta às mulheres e se tornou uma grande questão para suas vidas. Ao passo em que a maternidade trouxe sobrecarga para a vida das mulheres, também se observa que há um século mulheres não tinham liberdade política. A maternidade terminou funcionando como o primeiro momento de liberdade para essas mulheres. Apesar das mulheres terem conquistado outros espaços, a ideia do cuidado, muitas vezes, é associada às mulheres (Zanello, 2018).

O que sustenta o dispositivo materno é o que Zanello (2022) define como heterocentrismo, ou seja, em seu processo de se tornar mulher, mulheres são ensinadas a sempre colocar as preocupações do outro em primeiro lugar, passando por cima até de suas necessidades pessoais. Esse processo ocorre independentemente de serem mães ou não. Já os homens são subjetivados a partir do egocentrismo, pois são ensinados a priorizar sempre o seu desejo e em seguida o do outro. Um exemplo é observado quando a mãe precisa



se ausentar de atividades domésticas e pede apoio de seus filhos. Quando o menino/homem se recusa a prestar cuidado, não existe julgamento, mas para as meninas/mulheres em uma mesma situação, existe o julgamento moral. A partir disso, não é estranho que muitas mulheres não consigam dizer não e apresentem dificuldade em se priorizar, pois foram ensinadas a colocar as necessidades de outros em detrimento das suas, a se calarem.

As mulheres, a partir desse dispositivo, precisam estar sempre disponíveis ao acolhimento, seja ele no campo profissional, familiar ou amoroso. O cuidado é necessário e faz parte da nossa existência por uma questão de sobrevivência, no entanto, o cuidado, no contexto brasileiro é mais exercido pelas mulheres negras e pobres, enquanto os homens brancos e de classe média alta são os que menos cuidam. Nesse sentido, é importante considerar o recorte interseccional nessa realidade e ressaltar que o cuidado quando recebido favorece a saúde mental, mas esse cuidado representa fator de risco quando é somente fornecido e não recebido de volta (Zanello, 2022).

Da mesma forma como as mulheres devem corresponder a um ideal de feminilidade, o mesmo acontece com os homens, no entanto, estes se encontram em posição contrária e devem agir a partir do poder e dominação permeados por masculinidades hegemônicas (Filho, 2022). Na sociedade brasileira os homens se subjetivam a partir do dispositivo da eficácia e este corresponde à virilidade sexual e laboral. Dessa maneira, os homens não podem falhar e precisam demonstrar poder e virilidade em relações sexuais, negando características de passividade geralmente atribuídas às mulheres e homens que performam feminilidade. A virilidade laborativa representa o reforço social que existe acerca de homens, produtividade e acúmulo de bens, nesse sentido o homem para ser respeitado e ter seu valor moral e social precisa trabalhar para ser digno. Diante desses fatores os homens dispõem de muita energia para assegurar as virilidades e, caso não consiga, poderá vir a vivenciar algum adoecimento psíquico (Baére & Zanello, 2020).

Ser homem, na nossa sociedade, é performar virilidade e negar qualquer característica vista como feminina. A masculinidade hegemônica pauta o dispositivo da eficácia. Nesse sentido, um homem deve ser um “comedor sexual” e ter um trabalho digno e bem sucedido. O trabalho tornou-se algo valioso para o homem, assim como o cuidado para as mulheres, e o sucesso estaria atrelado ao acúmulo de dinheiro e um bom *status* social. Nesse sentido, meninos e homens desejam, a partir do estudo ou trabalho, crescer na vida. Caso esse homem esteja desempregado é possível observar consequências psicológicas negativas para esse sujeito, tendo em vista que ele estaria fracassando em ser o provedor. O

homem que é bem sucedido financeiramente mantém seu status de virilidade, assim como o homem que transa com várias, sendo que a quantidade de mulheres já se tornou sinônimo de sucesso (Zanello, 2022; Filho, 2022). Além disso, diferentemente de uma mulher que decide cuidar da casa e família, um homem que opte por essa escolha não possuirá o mesmo reconhecimento social e será julgado pela sociedade que posiciona esse lugar como adequado às mulheres (Zanello, 2022).

Apesar da masculinidade trazer privilégios para os homens, também pode ser custosa. A demonstração de força e potência termina resultando em um abafamento de afetos, nesse sentido, os homens terminam se silenciando e a partir disso, adquirindo problemas de saúde mental. Apesar do número de tentativas de suicídio ser mais evidente em mulheres, os homens são os que mais cometem suicídio, pois até mesmo na morte o homem precisa ser eficaz e ir até o fim, não fraquejar (Filho, 2022).

A partir do que foi discutido é possível pensar os relacionamentos abusivos a partir das vivências dos dispositivos de gênero e entender como as mulheres são afetadas por esses processos, dentro de um contexto de violência. Pensamos na influência do dispositivo materno, no que tange ao comportamento de cuidado, que muitas mulheres podem apresentar para continuar sendo a escolha de um homem, mesmo que esse homem e a relação seja desamorosa e violenta. Também em relação ao dispositivo amoroso e em como este modelo pode vir a influenciar mulheres a buscarem o amor sempre, mesmo que o amor esteja envolto de violência e sofrimento. Além disso, o homem, a partir do controle e apagamento do outro, busca por meio da violência demonstrar eficácia. Pensar essas possibilidades são formas de olhar para o fenômeno, considerando que a violência dentro de uma relação amorosa é sustentada por violências de gênero.

Para compreender as questões próprias de mulheres amazônidas algumas considerações regionais são necessárias. Amazônia tem sua história marcada pela vinda de colonizadores portugueses que, a partir do patriarcalismo, exerceram o seu poder. Em torno do século XVII os colonos ao chegarem em terras nortistas e observarem a identidade cultural da nudez e a vida indígena, erotizaram as mulheres nativas e a partir disso enxergavam essas mulheres enquanto objetos sexuais. Nesse sentido, o corpo indígena era lido como sem civilização e depravado, que estava à disposição dos colonos para troca de favores (Viana, 2021).

A região Amazônica se cristalizou enquanto sociedade patriarcal, aniquiladora e falocêntrica e isso repercute até os dias atuais na vida de mulheres amazônidas. As mulheres

amazônidas tem a sua história influenciada e marcada por processos históricos de interesses de países capitalistas. A partir da colonização houve várias formas de violação da existência de mulheres indígenas, seguidamente do ciclo da borracha, que a partir da migração de homens nordestinos a mulher nortista continua sendo vista enquanto objeto sexual, mercadoria ou doméstica, muitas das vezes exercendo a função de esposa, mãe e vítima de exploração nos seringais (Valenzuela *et al.*, 2022). Ao mesmo tempo em que mulheres da burguesia eram “protegidas” e direcionadas ao trabalho do lar, as mulheres indígenas e negras eram subjugadas e violentadas de diversas formas. Suas existências eram tidas como sem valor e seus corpos dominados, resultando em atos de violência física e sexual (Viana, 2021).

As mulheres amazônidas possuem especificidades que diferem de mulheres que residem em outra cultura devido a sua origem indígena, no entanto, essa especificidade é enxergada de forma pejorativa pelo Ocidente, pois para a cultura Ocidental os povos indígenas representam uma raça subalterna, sem civilização e imoral. Essa característica é responsável por trazer um sofrimento interseccional à vida de mulheres amazônidas, levando em consideração que elas sofrem preconceito devido a sua raça, gênero e classe social (Viana, 2021).

A cientista política e historiadora, Françoise Vergès (2020), destaca a revolução que mulheres racializadas que trabalhavam na Gare Du Nord fizeram ao ganhar de seu empregador, depois de 45 dias de greve. Essas mulheres exerciam trabalhos de limpeza em condições insalubres, eram desvalorizadas, exploradas e invisíveis pela sociedade. Esse trabalho de cuidado e limpeza é direcionado a mulheres desde muito cedo. O modelo capitalista cria trabalhos subalternos e vidas invisíveis, ao mesmo tempo em que a burguesia e classe média vivem e trabalham em posições confortáveis. A vitória dessas mulheres escancara fenômenos que passam despercebidos e de forma naturalizada em nossa sociedade, pois ao passo em que mulheres brancas da burguesia vivem vidas confortáveis, mulheres negras estão sendo exploradas e desumanizadas, sofrendo várias formas de violência. A autora destaca que uma possível mudança do atual contexto seriam os feminismos decoloniais, cujo intuito é combater todas as possíveis formas de opressão. Nesse sentido, o feminismo decolonial não seria uma nova onda do feminismo ou buscaria melhorar o atual sistema, mas representaria a continuidade da luta por emancipação feminina e justiça para todos (Vergès, 2020). Desse modo, podemos pensar em relações mais

igualitárias levando em consideração as interseccionalidades em que determinadas mulheres estão inseridas.

## 2.2 De relações amorosas para relações marcadas por violência

As relações amorosas sofreram mudanças ao longo da história, desse modo, observa-se que fenômenos como o amor, sexualidade, matrimônio e castidade se apresentaram e se apresentam de formas variadas de acordo com a época e sociedade vigente. O sexo, durante a antiguidade, era desvinculado do casamento e visto como objeto de desejo dos deuses. Com a emergência do Cristianismo o sexo é aceito apenas dentro do casamento e a virgindade passa a ser valorizada (Minayo *et al.*, 2011).

Platão (2017) em seu livro “O Banquete”, descreve o que era o amor a partir da visão de Aristófanes. Para dizer o que era o amor, Aristófanes relata um mito antigo em que a anatomia do ser humano era um todo circular, um aglomerado de duas pessoas envolvidas em um só corpo, dessa maneira eram fortes e tinham pensamentos ambiciosos, representando assim uma ameaça para os deuses. Zeus se deparou com um impasse e precisou decidir o que fazer com estes seres ambiciosos, logo, decide cortá-los ao meio resultando em duas partes de uma só pessoa, para que assim ficassem mais fracos, resultando em um ser humano. A partir deste mito o amor seria inato, pois desde o corte originário feito por Zeus, cada metade ansiava pela sua outra metade e a ela buscava se unir, para retornar ao seu estado originário.

Contrapondo esse mito antigo, a psicanalista Suy (2022) pondera que, ao acharmos o amor, não achamos a parte que preencheria o que falta na gente, mas achamos a parte que faltará a partir dali. Ademais, a ideia de achar um amor que nos livre de nós mesmos é uma fantasia que faz parte do nosso cotidiano e, como vimos, tem bases em mitos gregos antigos. Porém, no âmbito das relações amorosas, não se preenche ninguém e a falta termina sendo duplicada.

Por volta da década de 60 as relações amorosas tinham seu início com um namoro monitorado pela família da mulher, em sequência, o noivado era regido pelo mesmo controle e, ao final, o casamento era realizado, seja ele no civil ou religioso. A virgindade da mulher era conservada até o casamento. Esta mesma geração quebrou com as normas de virgindade

até o casamento e os festejos religiosos e civis do casamento (Azevedo, 1981 como citado em Vaitsman, 1994).

A ideia do “amor romântico” tem seu início no final do século XVII e se apropria diferenciando-se das características do amor paixão, mais voltado ao vínculo sexual. Nos dois tipos de amor, a liberdade se faz presente “uma vez que o ideal de um amor sublime passa a ter ascensão sobre o ardor sexual” (Minayo *et al.*, 2011, p. 55). No ramo da arte, pintura e literatura, final do século XVIII e início do século XIX, o amor romântico ganha mais destaque e a completude e compatibilidade entre homem e mulher passam a ser valorizadas (Minayo *et al.*, 2011).

No século XX, durante a Primeira Guerra Mundial, a liberdade sexual aumentou devido ao medo da possibilidade de morte próxima, resultando assim na busca do prazer imediato e maior atuação de mulheres no âmbito do trabalho e na vida social. Além disso, a própria psicanálise trouxe à tona discussões que tangem a sexualidade na infância. O período pós Segunda Guerra Mundial, com o ápice do movimento feminista na segunda metade do século, trouxe mudanças consideráveis nas formas de relações amorosas. A mulher e a sua liberdade foram colocadas em destaque dentro do âmbito das relações afetivas-sexuais e no mercado de trabalho. A criação da pílula anticoncepcional possibilitou a autonomia sexual das mulheres e as relações passaram a se pautar no apoio mútuo (Minayo *et al.*, 2011).

Minayo *et al.* (2011) coadunando com Babo e Jablonski (2002) destaca que o amor romântico se tornou um modelo de felicidade, desse modo, só é feliz quem consegue desfrutar desse tipo de amor que, aliás, tem sua comercialização excessiva. A partir disso, os relacionamentos só são vantajosos enquanto oferecem algum benefício para as partes envolvidas. A qualquer custo busca-se evitar a frustração e, dessa forma, os vínculos tornam-se frágeis e inseguros.

O amor romântico é uma forma de construção da autoidentidade e organização da vida. A ideia do amor romântico, a partir do romantismo, é definida como sendo o encontro entre duas pessoas. A aspiração das mulheres é o casamento, maternidade e o cuidado com os filhos e maridos e, para os homens, o tempo com o trabalho e o status positivo frente a outros homens. O sexo para as mulheres, nesse modelo, geralmente é postergado e serve enquanto forma de avaliação de seus possíveis parceiros de vida, pois o casamento é visto como um modelo de independência. Já para os homens, a iniciação sexual é vista como uma forma de demonstração de virilidade, muitas vezes essas relações são adiantadas ou até mesmo forçadas. O amor desenvolvido pelos homens denomina-se amor paixão. Eles

separam mulheres entre categorias, como por exemplo, a companheira fixa que é tida como pura e outras mulheres aptas apenas para o prazer sexual, abarcando a infidelidade (Giddens, 1993 como citado em Oliveira, 2015). Desse modo, dentro do romantismo observa-se relações de gênero desiguais, tendo em vista que são as mulheres que, por estarem envolvidas afetivamente e emocionalmente, renunciam a si mesmas para doar-se ao outro e manter a relação.

Uma transformação do amor romântico, seria a ideia de um amor confluyente. Esse tipo de relação se dá a partir da perspectiva da mulher que, depois de se frustrar em relações, vai se relacionando para além da ideia de amor eterno proposta pelo amor romântico. A ideia de relacionamento é mais interessante do que a de casamento e a intimidade é buscada, devido a igualdade de gênero proporcionada por este formato relacional. Nesse sentido, o prazer recíproco e erotismo se tornam pontos centrais na relação, tendo em vista também a troca emocional. A sustentação da relação se dá através de ambos os parceiros (Giddens, 1993 como citado em Oliveira, 2015).

Bauman aborda o conceito de fragilidade para explicar a fluidez dos relacionamentos amorosos atuais (Angelo, 2018). Para o autor não se pode aprender a amar, assim como não temos garantias de quando o amor chegará, desse modo, as pessoas estão desprevenidas. A partir do contexto cultural de consumo em que vivemos, temos acesso a mercadorias que estão à disposição para rápido acesso e satisfação. Dessa maneira, o amor é ofertado e utilizado enquanto categoria de consumo, como se a vivência de experiências recorrentes de se apaixonar e desapaixonar resultasse na aquisição do sentimento de amar (Bauman, 2004).

Devido a impulsos oriundos de uma cultura consumista, as relações se tornam cada vez mais voláteis e o sujeito se coloca enquanto objeto de consumo ao mesmo tempo em que também se torna produto a ser consumido. Se relacionar com o outro termina sendo um momento passageiro, pois sempre haverá uma outra oferta mais vantajosa a ser desfrutada. Não é estranho, por exemplo, que se experimente insegurança no início de novos relacionamentos, pois da mesma forma como o acesso ao outro está facilitado, também é facilitada a separação (Angelo, 2018).

Uma forma de se relacionar presente na nossa cultura é a partir da violência, ou seja, relacionamentos íntimos marcados por abusos e violências. Devido a ideia errônea a respeito de cuidado, o parceiro abusador controla a vítima que termina se tornando refém da vigilância contínua, cujo objetivo é isolar o outro para si. Os abusos são identificados quando

um sujeito, a partir do controle, decide com quais pessoas o seu parceiro irá falar, a roupa que irá vestir, monitora o celular e redes sociais, entre outros (Souza & Silva, 2022).

A violência contra a mulher no Brasil possui índices muito altos, e essa forma de violência prejudica o gênero feminino, tendo em vista que esse fenômeno gera consequências psicológicas, sexuais ou qualquer outra forma de sofrimento a mulheres vitimadas. As violências ocorrem, geralmente, no âmbito doméstico ou dentro de uma relação amorosa e alguns fatores podem vitimizar as mulheres, tais como, dependência emocional por seus agressores, não possuir uma rede de apoio adequada, uso de álcool pelo agressor e histórico de violência na família nuclear (Rabelo *et al.*, 2019).

Dentro de uma relação afetiva íntima a violência de gênero se relaciona a qualquer ação que resulte em consequências físicas, psicológicas e sexuais as vítimas (OMS, 2002). A OMS (2002) também destaca outras formas de violência, tais como: agressões físicas geradas por uso da força física ou objetos que possam causar alguma lesão, abusos psicológicos através de intimidações, humilhações e ameaças recorrentes, coação sexual e relações forçadas realizadas por meio de ameaças, comportamentos controladores de isolamento da vítima e controle da sua existência.

As relações íntimas marcadas por violências e abusos abarcam violências, principalmente as de cunho sexual, psicológicas e físicas. O abuso funciona enquanto mecanismo para que o abusador mantenha uma relação de poder com a vítima que é vista como objeto (Barretto, 2018). A maneira que os homens aprenderam e aprendem a se comunicar é a partir da violência, tendo em vista que homens tem dificuldade em expressar seus conflitos existenciais e são ensinados a se silenciarem e mostrar força e poder desde muito cedo (Oliveira, 2015).

A violência observada em relacionamentos íntimos amorosos apresenta um certo padrão e dinâmica, nesse sentido, definiu-se o ciclo da violência para que pessoas que estejam em relacionamentos violentos consigam perceber ações e atitudes recorrentes do abusador. De maneira geral, o contínuo da violência possui três “etapas”, sendo elas, a “Aumento do estresse” e, em sequência, “Explosão” terminando em “Lua de mel” (Duarte, 2019; Souza & Silva, 2022).

De início, observa-se o aumento de estresse na dinâmica do casal. Esse aumento do estresse se dá devido a diversos motivos, muitas vezes triviais e questões cotidianas, desse modo, observa-se a irritação de um parceiro sobre o outro. Nesse momento, o abusador não é capaz de apaziguar situações divergentes e conflituosas, e termina gerando um ambiente

de tensão a partir de comportamentos abusivos e de controle da vítima. Nesse momento, a violência psicológica se torna presente e a vítima sente que o seu cuidado deve ser constante, pois qualquer situação pode vir a tirar seu parceiro do “sério”. Esse período pode durar, dias, semanas ou meses. As brigas terminam sendo justificadas a partir de explicações que amenizam as agressões cometidas. Nesse momento também se observa a baixa autoestima da vítima, devido a discursos de culpa e pensamentos de desvalorização, pois muitas vezes a pessoa abusada termina acreditando que não vai encontrar alguém que a aceite da forma como ela é, e por esse motivo termina se mantendo na relação violenta (Duarte, 2019; Souza & Silva, 2022).

No momento de “Explosão” existe um alto nível de estresse e a violência física é cometida, assim como a violência psicológica mais intensa. Nesse momento a separação do casal termina se tornando uma possibilidade, no entanto, é comum que a relação continue sendo mantida devido à explicações baseadas em mitos do amor, como por exemplo, a ideia de que um amor a tudo suporta e que é necessário lutar para que a relação dê certo. Muitas vezes a vítima termina se culpando pela violência sofrida (Duarte, 2019; Souza & Silva, 2022).

Na terceira etapa, chamada lua de mel, o casal pode vir a reatar. Muitas vezes a vítima se sente culpada e termina se entendendo com o abusador, pois experimenta culpa. A visão que a abusada tem de si mesma se torna cada vez mais distorcida. Geralmente nesse período o abusador faz promessas de melhora e justifica as agressões que ocorreram, muitas vezes culpando a vítima. A partir disso, a tendência é que o ciclo se repita e a fase de lua de mel fique mais curta (Duarte, 2019; Souza & Silva, 2022). Desse modo, ressalta-se que a dinâmica de um relacionamento marcado por violências e abusos pode variar e, por se tratar de relações humanas, as etapas do ciclo da violência se tornam contínuas e não são fixas, podendo variar de relação para relação.

A autora Bell Hooks destaca que o abuso e violência não podem coexistir com o amor, pois o amor é crescimento e nutrição, nesse sentido, não é possível dizer que temos amor a dar se somos violentos ou abusivos com nossos parceiros. Por virmos de famílias com cuidados disfuncionais em que ao mesmo tempo em que éramos negligenciados, maltratados ou constrangidos, também recebemos amor muitas pessoas que estão em situação de violência podem até acreditar que existe amor na relação, além da violência, devido a ambiguidade vivenciada na infância. Muitas percepções adultas de amor são baseadas nas relações que tivemos com a nossa família durante a infância, portanto, se somos



ensinados por adultos, quando crianças, que o abuso e amor andam lado a lado, podemos vir a racionalizar na fase adulta quando somos machucados por outro adulto e insistir que o amor existe em relações violentas. Nesse sentido, a autora esclarece que, se pretendermos nos tornarmos amorosos, é necessário romper com as falácias sociais e a naturalização da ambiguidade entre abuso e amor nas relações, sejam elas na família, amigos ou relacionamentos amorosos (Hooks, 2021).

A psicóloga e pesquisadora indígena, Geni Nuñez, destaca que a violência exercida contra as mulheres sempre é vista como uma forma de dominação que se fundamenta a partir de uma cultura machista, no entanto, o modelo monogâmico também alimenta práticas violentas, pois as vítimas de feminicídio, no geral, são assassinadas por seus companheiros ou ex companheiros. Se resgataremos o contexto histórico dos povos originários é possível observar que em muitas comunidades indígenas eram e são comuns práticas de relacionamentos mais livres e uma maior aceitação da finitude das relações. Já a cultura cristã, que se fundamenta na monogamia e recrimina o adultério define que o corpo da mulher pertence ao homem e o do homem à mulher. Portanto, não é estranho que homens tenham comportamentos violentos contra suas companheiras que rompem, verdadeira ou imaginariamente, com a ideia de exclusividade sexual. A família defendida pelo Estado se fundamenta no modelo monogâmico e heterocisnormativo e, o Brasil em sua maioria cristão, lidera as estatísticas de violência contra mulheres e pessoas trans (Nuñez, 2023). Em vista disso, esse formato de relação representa um fator de risco a mulheres e outras identidades de gênero dissidentes do modelo sexo-gênero. Podemos pensar também que apesar do Amazonas ter a sua cultura oriunda dos povos originários que, como vimos, exerciam práticas amorosas mais livres e respeitáveis com a suas parceiras, hoje ainda é muito forte a cultura de violência, poder e controle sob as mulheres amazônidas nos relacionamentos afetivos.

## **2. MÉTODO**

### **3.1 Delineamento metodológico**

A presente dissertação apresenta caráter qualitativo, aqui interessa a subjetividade e experiências vivenciadas pelas participantes da pesquisa, buscando a interpretação do fenômeno investigado a partir da construção de um espaço vivido dialógico entre pesquisadora e grupo de participantes (Patias & Hohendorff, 2019). O campo qualitativo possibilita pensar o sujeito a partir de suas histórias que, apesar de serem relatadas de maneira individual no momento do encontro entre pesquisador e participante, são circunscritas em um mundo coletivo. Além disso, a pesquisa qualitativa fornece bases científicas suficientes para se pensar objetos complexos de estudo (Minayo, 2012).

A grande tarefa e preocupação da pesquisa qualitativa é tematizar o objeto de estudo em uma realidade plural, dinâmica, social e contextualizar relações com a finalidade é obter uma compreensão mais robusta e profunda do objeto. Em pesquisa qualitativa o objeto é visto em sua realidade social, a partir de um indivíduo que é ativo na formulação de sua própria realidade e do meio social (Lima, 2018).

Nesse sentido, o pesquisador qualitativo tem por preferência que a teoria emergja do conjunto de dados obtidos. O caminho da pesquisa qualitativa se mostra como o percurso que mais se aproxima do objeto, pois também é possível utilizar as percepções e subjetividades do pesquisador para a construção dos dados (Lima, 2018). Além disso, ressalta-se a importância deste método alinhado às pesquisas que envolvam processos psicológicos e saúde, pois assim é possível captar as experiências individuais oriundas de relações coletivas.

Trata-se de pesquisa descritiva que pretende descrever a realidade tal como ela se mostra, com dados de campo que foram coletados em uma situação sem monitoramento rígido, pois as participantes estavam em seus contextos naturais. Em relação à temporalidade esta pesquisa apresenta o modelo transversal, nesse caso, as participantes foram entrevistadas somente uma vez. O grupo de participantes da pesquisa foi composto por conveniência, ou seja, nesse formato o pesquisador aborda as participantes de pesquisa que estão disponíveis e aceitam participar (Appolinário, 2012).

O grupo de participantes envolveu 10 (dez) mulheres adultas, com idade entre 18 a 40 anos e que vivenciaram, ou estão vivenciando, um relacionamento íntimo marcado por violência. A escolha de mulheres com idade entre 18 a 40 anos foi estabelecida pelo fato que os dados de estudos de prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo contra mulheres adultas no Brasil, destacaram um maior percentual de violência por parceiro íntimo entre mulheres de 18 a 24 anos (8,96%), em sequência, mulheres de 25 a 39 anos (8,88%)

(Vasconcelos *et al.*, 2021). Nesse sentido, identifica-se a relevância de pensar mulheres nessa faixa etária, tendo em vista que este grupo é o mais vulnerável ao relacionamento íntimo violento e abusivo.

Foram adotados os seguintes critérios para composição do grupo de participantes: 1) Mulheres que sofrem/sofreram violência em relações íntimas; 2) Com idade entre 18 a 40 anos; 3) Naturais do estado do Amazonas; 4) Residentes do município de Manaus. Como critérios de exclusão: 1) Mulheres indígenas; 2) Mulheres que possuam transtorno mental que impossibilite a comunicação; 3) Mulheres lésbicas. A exclusão de mulheres indígenas e lésbicas foi necessária, pois entende-se que o campo de pesquisa é diferente em diversos aspectos e os critérios éticos para pesquisa com mulheres indígenas segue um caminho específico.

Como instrumento para coleta de dados foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada. Nessa modalidade de entrevista é fundamental que o pesquisador proporcione um espaço seguro e descontraído para que as participantes se sintam confortáveis para se expressarem. A partir disso, o entrevistador coleta atentamente as informações necessárias utilizando-se do discurso livre das participantes (Severino, 2013).

A entrevista é, portanto, uma ferramenta metodológica essencial para investigação do ponto de vista e opiniões dos indivíduos e captação da experiência do outro. A entrevista é utilizada quando o pesquisador identifica a necessidade de entender determinado fenômeno social a partir da visão dos agentes sociais que o experienciaram, considerando, os sentidos atribuídos pelos indivíduos. O pesquisador deve estar aberto ao desconhecido que emerge do encontro com o participante e considerar não somente o discurso, mas também expressões faciais, gestos e comportamentos que fazem parte da comunicação não verbal (Silva *et al.*, 2018).

A postura da pesquisadora no momento da entrevista esteve voltada à escuta ativa e atenta, demonstrando interesse no que foi mencionado pelas participantes ou no que foi expresso emocionalmente por elas através de gestos que não interferiram ou influenciaram os discursos. No formato de entrevista semiestruturada o roteiro de questões é guiado por pautas e possui um determinado grau de estruturação, pois se baseia nos principais pontos de interesse que o pesquisador vai explorar ao longo do seu curso. O entrevistador garante que a participante falará livremente ao mesmo tempo em que retorna, sempre que necessário, aos principais pontos da entrevista (Silva *et al.*, 2018). Entende-se que a entrevista semiestruturada alinhada ao método de pesquisa qualitativa contribui de maneira positiva,

tendo em vista que essa pesquisa buscou compreender o fenômeno da violência em relações íntimas amorosas a partir da perspectiva das mulheres que o vivenciaram.

Para contatar as participantes de pesquisa, foi compartilhado um card nas redes sociais da pesquisadora, tais como *twitter*, *instagram* e *whatsapp* com link para o *Google Forms*, para que as mulheres interessadas na pesquisa cadastrassem o seu e-mail e telefone para contato. Vale destacar que a pesquisadora possui experiência prévia com este formato de divulgação de pesquisa em trabalhos anteriores. Em seguida, as participantes que preencheram os critérios de inclusão, foram contatadas, momento em que a pesquisadora se apresentou e introduziu a pesquisa. Nesse primeiro contato via *whatsapp*, as principais dúvidas foram esclarecidas e a entrevista *online* foi marcada, a partir da disponibilidade das participantes e pesquisadora. Inicialmente as entrevistas iriam ocorrer no modelo presencial, no entanto, observou-se uma grande falta de adesão das participantes a esse modelo e a entrevista *online* surgiu como estratégia para lidar com tal dificuldade. Três possíveis participantes entraram em contato com a pesquisadora, mas relataram ter vivenciado relação violenta com parceira mulher, por isso não se enquadravam nos critérios de inclusão e foram excluídas. Esse dado é importante, pois demonstra que as relações violentas também aparecem em realidades de mulheres lésbicas e este fenômeno deve ser estudado com maior atenção em estudos posteriores.

Após o agendamento foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) virtual para assinatura, através do *Google forms*. Após a assinatura, o link para a reunião foi enviado para que a entrevista iniciasse. No início da entrevista, após apresentação, o TCLE foi lido e explicado para as participantes, as dúvidas foram tiradas e foi solicitado o consentimento das participantes para a gravação do áudio da entrevista.

Com a confirmação da participante e permissão da gravação do áudio, foi iniciada a entrevista. Foi seguido um roteiro de entrevista, disponível no Apêndice A, para explorar o fenômeno de pesquisa. Ao longo de algumas entrevistas tendo em vista a necessidade de aprofundamento, formulou-se perguntas complementares fora do roteiro, para melhor compreensão das vivências. As participantes que tiveram dificuldade no entendimento de alguma pergunta, contaram com o auxílio, através de explicações de alguns conceitos breves, para que assim conseguissem pensar suas experiências e falar sobre elas.

Ao final agradeceu-se a contribuição, disponibilidade e interesse da participante e a pesquisadora se colocou à disposição para dúvidas e sugestões. Também foi combinado com as participantes que os produtos resultantes desta dissertação serão encaminhados a elas.

### 3.2 Cuidados éticos

Por se tratar de pesquisa que envolve seres humanos, o estudo seguiu as medidas indicadas nas resoluções: 466/12-CNS, que dispõe acerca da bioética e os direitos e deveres dos participantes, comunidade científica e Estado e 510/16-CNS, que dispõe as normas aplicadas em pesquisas em ciências humanas e sociais, cujo dados sejam obtidos diretamente com os participantes. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), tendo sido registrado sob número CAAE nº 75114923.0.0000.5020 e aprovado conforme avaliação e parecer desse Comitê de Ética.

Foi assegurada a confidencialidade, a privacidade e a proteção da gravação dos áudios. Apenas a pesquisadora responsável e a orientadora da pesquisa tiveram acesso aos áudios das entrevistas, garantindo a não utilização de informações que possam prejudicar pessoas ou grupos sociais, de acordo com o item II.2.I., Res. 466/2012/CNS e a Constituição Federal Brasileira de 1988, art. 5º, incisos V, X, XXVIII.

Levando em conta que todas as pesquisas com seres humanos envolvem riscos, algumas medidas foram tomadas. As participantes relataram e relembrou um processo de violência que vivenciaram, nesse sentido, caso alguma participante experimentasse algum mal-estar psicológico em detrimento da pesquisa, a mesma poderia ser encaminhada para o serviço de psicologia do Centro de serviço de psicologia aplicada (CSPA), disponível na Faculdade de psicologia (FAPSI), localizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Não houve solicitações para tal.

### 3.3 Procedimentos de análise

A Análise Temática (AT) foi utilizada para a análise dos dados obtidos das entrevistas. Neste tipo de análise, pretende-se, a partir de um conjunto de informações oriundas de entrevistas ou qualquer outra forma qualitativa para coleta de dados, identificar padrões e repetições de significados nas falas das participantes (Rosa & Mackedanz, 2021).

A AT destaca seis fases necessárias para o processo de análise, destacadas a seguir (Braun & Clarke, 2006; Souza, 2019; Rosa & Mackedanz, 2021):

- Fase 1 - *Familiarização com os dados*: nesse primeiro momento o material foi lido e relido, para que assim seja possível se aprofundar sobre o material. O início da análise requer um contato anterior com os dados, sendo essa fase o elemento central de todo o processo de análise. Nessa fase, foram anotadas ideias iniciais para codificação e análise posterior. Ao final da primeira etapa, o pesquisador está apto a realizar a codificação, processo esse que é feito em todo o processo de análise.

- Fase 2 - *Geração dos códigos iniciais*: Nesse momento foram criados códigos iniciais a partir da leitura dos dados. Os códigos refletem conteúdos latentes e semânticos que são de extrema importância para o pesquisador. O processo de codificar os dados faz parte da análise, tendo em vista que são organizados grupos que carregam significados. Na codificação é necessário identificar se os temas são oriundos dos dados ou resultantes da teoria. O processo de codificar pode ser realizado manualmente ou através de uso de software e nesse processo é válido analisar atentamente cada entrevista para identificar os temas, ou padrões repetidos. Para a codificação dos dados da presente pesquisa foi utilizado o software *Atlas.ti*. A ferramenta para pesquisas qualitativas é uma maneira prática e bastante funcional para organização dos dados e análise posterior que foi desenvolvida pela pesquisadora (Júnior & Leão, 2018). Após todos os dados serem codificados cuidadosamente, seguiu-se para a fase 3.

- Fase 3 - *Busca por temas*: É feita uma filtragem buscando por possíveis temas, a partir dos dados codificados, definindo os principais temas, subtemas ou descarte dos códigos que não responderem à questão de pesquisa. Nesse momento os códigos foram analisados e combinados com códigos diferentes para a formação de um tema abrangente. Artifícios visuais podem ser utilizados para melhor representar a organização dos diferentes códigos nos temas. A pesquisadora optou por demonstrar os temas e códigos em quadros. Nesse momento foi possível começar a destacar as relações entre os temas principais e subtemas.

- Fase 4 - *Revisão de temas*: Dois momentos são necessários para refinar os dados. Nessa fase, fica perceptível se alguns temas não são necessariamente temas, se dois temas que estão separados podem formar um tema único ou se os temas precisam ser divididos. Os temas devem abarcar dados que tenham um padrão que possibilite identificar semelhança entre eles. Também é necessário avaliar se os

temas possuem um padrão que coloque homogeneidade interna entre eles, ao mesmo tempo em que também seja possível observar diferenciações claras em cada tema separadamente. Em um primeiro momento foi feita uma revisão dos extratos codificados nos dados e análise para verificar se eles apresentam um padrão coerente, seguindo-se para a etapa 2 da Fase 4. Na segunda etapa, ocorre a refinação dos temas, considerando-se sua validade em relação ao banco de dados e avaliando se o mapa temático demonstra os significados presentes no banco de dados como um todo.

- Fase 5 - *Definição e denominação dos temas*: Nesse momento é realizado um refinamento maior dos temas, já pensando para as filtragens finais. Nessa etapa fica claro quais são os temas e seus títulos são criados. Cada tema foi submetido à análise rigorosa em detalhes e foi relacionado com as perguntas e objetivos da pesquisa. Até o término dessa fase é necessário definir claramente quais são os temas ou não. Uma vez que se observa a adequação dos temas obtidos e se verifica sua homogeneidade interna e heterogeneidade externa, seguiu-se à última fase.

- Fase 6 - *Produção do relatório*: Foi realizada a análise final e escrita do relatório a partir dos dados. Os temas encontrados nos dados foram exemplificados utilizando-se trechos de falas das participantes. A escrita analítica ultrapassa a mera descrição dos dados e deve elaborar um argumento que se relacione diretamente com a pergunta da pesquisa e resultados encontrados na literatura.

## 4. RESULTADOS

A seguir, as duas próximas seções correspondem aos resultados da dissertação. O tópico 4.1 corresponde a uma revisão de literatura que recebeu aceite para publicação em capítulo de livro, como descrito na introdução (ver nota de rodapé, página 14) O tópico 4.2 corresponde as entrevistas realizadas (ver nota de rodapé, página 17).

### 4.1 Mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos e/ou marcados por violência em suas relações com parceiros íntimos

Comportamentos abusivos e violentos no âmbito das relações íntimas é fator de risco à vida e saúde mental das mulheres, tendo em vista que esta população é a que mais sofre com suas consequências. Todos os anos e em diversos países mulheres são agredidas por seus parceiros íntimos, namorados ou maridos, em vista disso a procura por atendimento psicológico é frequente para lidar com os impactos da situação de violência (Tesche & Weinmann, 2018).

O termo Relacionamento Abusivo ultimamente tem sido bastante difundido através de mídias sociais e este tipo de relação tem como característica o abuso de poder e controle que um indivíduo exerce sobre o outro. Neste modelo de relação a violência pode ser exercida de diversas formas e a vítima é a pessoa que sofre os impactos do controle e manipulação de seu abusador (Freitas & Sales, 2019). A sustentação de um relacionamento íntimo abusivo se dá através da violência de gênero, pois o poder exercido em uma relação marcada por violência corresponde a uma questão de desigualdade entre os gêneros. A violência de gênero envolve comportamentos que geram danos físicos, sexuais ou psicológicos à vítima da relação (OMS, 2002; Souza & Silva, 2022).

Os abusos são identificados quando o perpetrador tenta autorizar ou desautorizar com quem a sua parceira deve falar, monitora redes sociais, mensagens e roupas que a vítima deve ou não usar. Pode-se identificar que esses atos controladores e abusivos buscam isolar a vítima do mundo social e dedicá-la apenas ao opressor (Souza & Silva, 2022). A violência psicológica é uma forma de violência que vulnerabiliza a autoestima da vítima, o agressor pode chantagear, culpar ou até mesmo manipular a vítima. A violência física identifica-se a partir de atitudes e comportamentos que causem agravos físicos, como estapear, socar, bater



etc. A violência patrimonial acontece quando os bens da vítima são destruídos totalmente ou parcialmente, a violência sexual é observada quando a vítima é obrigada a ter, manter ou participar de relações sexuais contra a sua vontade e a violência moral abarca as difamações, calúnias e desacatos provocados pelo agressor contra a vítima (Rabelo *et al.*, 2019).

Tendo em vista essa dinâmica de relações marcadas por violências, Tesche e Weinmann (2018) atestam que ao mesmo tempo em que muitas mulheres anseiam pelo encerramento da violência, seja pelo rompimento com o companheiro ou na esperança de uma possível mudança por parte do abusador, também não conseguem se desvincular e escolher novos caminhos para suas vidas.

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) define que a violência ocasionada por parceiro íntimo se configura enquanto uma questão de ordem mundial, independentemente da cultura. Cerca de 30% das mulheres do mundo já vivenciaram violência ocasionada por parceiro íntimo em uma relação amorosa (Baragatti *et al.*, 2018).

O estudo desenvolvido por Vasconcelos *et al.* (2019) destacou que no Brasil, a violência realizada por parceiros íntimos em relações amorosas tem maior prevalência em mulheres de idade entre 18 a 24 anos (8,96%), em sequência, mulheres de 25 a 39 anos (8,88%). Mulheres com menor escolaridade apresentam uma prevalência maior (8,55%) do que as que possuem escolaridade em nível superior completo (6,79%). Para as que se autodeclararam pretas a incidência é maior (9,05%) se comparada à mulheres brancas (7,22%). Desse modo, é importante considerar os fatores relacionados à idade, escolaridade e raça quando se fala sobre violência por parceiro íntimo em relações amorosas, pois o que se observa é a vulnerabilidade de muitas mulheres jovens adultas, pretas e com menor escolaridade.

Tendo em vista a problemática exposta, este capítulo se estrutura a partir da seguinte pergunta: como se caracteriza na literatura científica a violência contra mulheres adultas que vivenciam relacionamentos abusivos?

Para responder à questão, realizou-se uma busca em base de dados e organizou-se duas categorias analíticas para proporcionar a reflexão do tema, sendo, a primeira os principais tipos de violências e perfil das vítimas nas relações amorosas e a segunda, questões culturais e de gênero que permeiam o que é ser mulher e as relações amorosas marcadas por violência.

*Método para a construção dos dados*

A busca foi realizada no portal de periódicos da CAPES e os descritores foram combinados utilizando o operador Booleano AND, conforme se destaca a seguir: mulheres AND violência contra parceira íntima AND violência baseada em gênero AND violência de gênero AND violência no namoro. Além disso, os descritores utilizados estão indexados no DeCS/MeSH, Descritores em Ciências da Saúde, exceto o descritor “violência no namoro” que está indexado na APA PsycNet Thesaurus. Como critérios de inclusão buscou-se artigos qualitativos, quantitativos ou mistos e que estivessem dentro do período dos últimos 5 anos. Os artigos que não respondessem à questão de pesquisa, que correspondessem a revisões de literatura e duplicados foram desconsiderados.

A busca no portal de periódicos da CAPES resultou em 24 artigos, com aplicação do filtro de ano de publicação, estudos publicados de 2018 a 2022. Para a seleção dos artigos, primeiramente, o título e resumo foram lidos. Após essa primeira análise, 16 artigos foram descartados por não corresponderem ao objetivo de pesquisa. Diante disso, os 8 artigos restantes foram lidos na íntegra e selecionados para análise e discussão. Como técnica analítica dos resultados optou-se pela Análise Temática. Esse método possibilita ao pesquisador identificar padrões de significado e temas em suas coletas e achados, viabilizando a análise e interpretação desses dados (Souza, 2019).

#### *Resultados: descrevendo alguns estudos científicos*

O estudo desenvolvido por Machado *et al.* (2021) buscou identificar as relações entre violência contra a mulher exercida por parceiro íntimo e socialização de gênero. A pesquisa foi um recorte de um estudo mais amplo que analisou boletins de ocorrências (BO) de 440 mulheres, no período de abril de 2013 a março de 2014. O método é qualitativo e os autores selecionaram 150 mulheres que registraram a violência na delegacia de defesa da mulher de um município do interior paulista. Os resultados indicam a influência das socializações de gênero vivenciadas na infância nas desigualdades de gênero vivenciadas nas relações abusivas atuais.

A pesquisa realizada por Ribeiro e Souza (2022) teve como objetivo compreender a influência das redes sociais de suporte a partir do relato de mulheres que sofreram violência de gênero, através de parceiros íntimos e como estas questões influenciam a sua autoimagem e sexualidade. Os principais resultados destacam que a rede social pode funcionar como

ferramenta de apoio à vítima, ou como espaço para reafirmação das violências vividas, violências estas que impactam diretamente a autopercepção dessas mulheres no que tange a sexualidade, corpo e dia a dia. Além disso, as mulheres relataram vivenciar de maneira mais frequente a violência simbólica e psicológica, nesse sentido, seus parceiros as faziam duvidar de sua sanidade e as responsabilizavam pelas violências vividas.

O estudo ecológico desenvolvido por Moroskoski *et al.* (2021) teve por objetivo analisar a tendência temporal da violência física contra a mulher perpetrada pelo parceiro íntimo no Paraná. Para tal, os pesquisadores analisaram dados de violência física ocasionada por parceiro íntimo no período de 2009 a 2016 (séries temporais) disponíveis no Sistema de Informação de Agravos de Notificação-SINAN. Os casos analisados envolviam mulheres com idade entre 20 e 59 anos e que residiam entre as quatro macrorregionais de saúde do estado do Paraná, durante o período de oito anos. Constatou-se um aumento nas taxas de violência física por parceiro íntimo em todas as macrorregionais de saúde bem como para o Estado. Em relação ao agressor, o cônjuge foi o principal perpetrador das violências, no entanto, no Paraná identificou-se um crescimento das agressões por ex-cônjuges (20,9%) e namorados (18,7%). No primeiro quadriênio da pesquisa observou-se uma maior porcentagem na violência física por parceiro íntimo na faixa etária dos 30 aos 39 anos e, no segundo quadriênio, as maiores incidências foram observadas na faixa dos 20 a 29 anos. No primeiro estudo observou-se uma maior ocorrência de registros feitos por mulheres com menos de oito anos de estudo, ao passo que no segundo momento do estudo, a vivência de violência física por parceiro íntimo foi maior entre as mulheres com oito anos de estudos ou mais. Quanto à raça, o primeiro estudo destacou maiores resultados em mulheres brancas, no entanto, esse resultado diminuiu no segundo estudo, pois houve um aumento de 3,9% em mulheres pretas e pardas, 6,0% nas amarelas e 120,8 % em mulheres indígenas. A imposição da força corporal foi a forma de violência mais notificada (77,1/100 mil), seguida do uso de objeto perfurocortante (8,8/100 mil), enforcamento (74/100 mil), objeto contundente (5,4/100 mil) e arma de fogo (1,3/100 mil).

O estudo desenvolvido por Venturin *et al.* (2020) buscou estimar a prevalência e os fatores socioeconômicos, reprodutivos e de comportamento sexual associados à violência contra a mulher cometida pelo parceiro íntimo. Para atingir tal objetivo um estudo transversal foi realizado com mulheres atendidas em um hospital universitário de Vitória em agosto de 2017 a junho de 2018, com idades entre 20 e 59 anos. Os resultados indicam que,

sequencialmente, identificou-se uma maior prevalência de violência psicológica (39,2%), violência física (24,6%) e sexual (13,8%) entre as participantes da pesquisa. A violência psicológica estava relacionada à idade mais jovem, a violência física à menor escolaridade (até 8 anos) e a quantidade de filhos e idade da menarca entre os 9 e 11 anos, a violência sexual. Os altos índices de violência física e sexual associam-se à história de primeira relação não consentida, IST e vivência de primeira relação sexual com violência.

O estudo transversal desenvolvido por Mascarenhas *et al.* (2020) teve como objetivo analisar as notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres. A pesquisa utilizou dados notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), entre os anos de 2011 e 2017. As violências mais identificadas no estudo foram, em ordem sequencial, abusos físicos (86,6%), psicológicos (53,1%) e sexuais (4,8%). Além disso, as violências estavam relacionadas à idade das mulheres entre 20 e 39 anos e ao fato de serem gestantes, geralmente ocorriam nos domicílios e o agressor fazia uso de bebidas alcoólicas. A violência física foi marcante entre mulheres de 20 e 39 anos, a violência psicológica prevaleceu em mulheres acima dos 40 anos e a violência sexual foi mais observada entre as gestantes e mulheres com deficiências ou transtornos.

A pesquisa proposta por Vasconcelos *et al.* (2022) objetivou caracterizar a violência física por parceiro íntimo sofrida por mulheres adultas atendidas nos serviços públicos de urgência e emergência do Brasil. O estudo apresenta caráter transversal e utilizou-se dos dados disponíveis do VIVA Inquérito 2017, ferramenta utilizada em determinados serviços de urgência e emergência do Sistema Único de Saúde (SUS), responsável por registrar quem são as vítimas de violências e quais são os tipos de violências. Mais da metade das mulheres pesquisadas tinham idades entre 25 e 39 anos de idade (50,4%) e se intitularam da cor negra (70,2%). Essas mulheres foram vítimas de um abusador masculino (96,3%), com suspeita de uso de bebida alcoólica durante as agressões e as violências ocorreram nos domicílios (71,1%), através da força corporal (74,1%), violência essa que lesionou, principalmente, o rosto das vítimas (50%).

O estudo desenvolvido por Leite *et al.* (2019) tem como objetivo verificar a associação entre a história de violência contra a mulher e características sociodemográficas e comportamentais do parceiro íntimo. O estudo é transversal e 938 mulheres que são usuárias da atenção básica de saúde, idade entre 20 e 59 anos e que possuíam um parceiro

íntimo. Os pesquisadores reuniram informações sociodemográficas e comportamentais do perpetrador e fizeram uso do *World Health Organization Violence Against Woman* (2010). Os resultados apontaram que os maiores índices de violência psicológica, sexual e física estavam associados à falta de ocupação do parceiro que exercia a violência, bem como ao fato de recusarem o uso de preservativos. A bebida alcoólica e comportamentos controladores dos homens se relacionou à maior incidência de violências físicas e psicológicas, além disso, os abusadores com até oito anos de escolaridade praticavam com maior frequência violência psicológica, ao passo que a violência sexual foi mais praticada por parceiros que faziam uso de cigarro.

Por fim, o estudo desenvolvido por Oliveira *et al.* (2021) busca estimar a prevalência e fatores associados à violência psicológica praticada por parceiro íntimo contra a mulher residente em zona rural do Rio Grande do Sul. Os pesquisadores utilizaram a ferramenta *World Health Organization Violence Against Woman* (2010) e a amostra foi composta por, 971 mulheres que vivenciaram violência psicológica (17,2%). Os resultados demonstraram que as participantes que possuíam diagnóstico de depressão e faziam uso de álcool obtiveram maiores chances de relatar violência psicológica. Além disso, vale destacar que 1 em cada 5 mulheres tiveram ao menos uma ocorrência de violência por parceiro íntimo. As solteiras, divorciadas, separadas ou viúvas apresentaram maior probabilidade de vivenciar violência nas relações do que as casadas ou que moravam com seus parceiros.

### *Principais tipos de violências e perfil das vítimas nas relações amorosas*

A violência de gênero que sustenta as relações violentas remonta à ideia de que o homem foi colocado em um lugar de poder na nossa sociedade, que o legitima no controle, ciúme e agressão a partir de uma relação desigual entre os gêneros (Freitas & Sales, 2019). As agressões ocorrerem em sua maioria nos lares e a força física ser utilizada para realização dos atos violentos, remonta à ideia de dominação sustentada pelo patriarcado e a idealização de uma suposta superioridade dos homens em relação as mulheres, devido à diferença entre os gêneros (Vasconcelos *et al.*, 2022). Além disso, a violência exercida por parceiros íntimos no contexto doméstico pode ser naturalizada pela sociedade ou pelas próprias vítimas, pois, por se manifestar em um espaço privado, tende a ser vista como uma questão individual ou do casal (Freitas & Sales, 2019). A frase popularmente conhecida no senso comum “*em briga*

*de marido e mulher não se mete a colher*” nos ajuda a refletir sobre a naturalização de uma questão que é social e de responsabilidade de todos enquanto sociedade.

O uso de álcool pelo agressor é fator de risco para o desencadeamento da violência dentro de uma relação. Enquanto fator situacional, o álcool pode aumentar as chances de atos violentos devido à desinibição ocasionada por seu uso. O álcool, a depender da cultura, pode ser usado como justificativa ou desculpa para a prática de comportamentos impulsivos, ou até mesmo violentos (Carpanez *et al.*, 2019).

A partir disso, pode-se observar que a violência física e psicológica são principais formas de violência mais recorrentes em relações íntimas abusivas, mudando apenas de posição entre si, a depender do estudo. A violência sexual aparece geralmente em terceiro lugar (Mascarenhas *et al.*, 2020; Venturin *et al.*, 2020). Nesse sentido, é comum a violência psicológica ocorrer de maneira isolada, diferentemente das demais formas de violência que muitas vezes estão sobrepostas (Vasconcelos *et al.*, 2021). A violência psicológica é a mais frequente e pode aparecer de forma mais sutil, quase que imperceptível para quem a vivência.

A idade das mulheres dos estudos analisados varia, nesse sentido, ser uma mulher adulta é estar vulnerável a sofrer violência e abuso em relações amorosas (Mascarenhas *et al.*, 2020; Venturin, *et al.*, 2020). Uma possível explicação para índices consideráveis de violência por parceiro íntimo em mulheres jovens pode se relacionar com a ideia de que, por serem mais novas, se tornam mais dependentes do companheiro para educar os filhos e sustentar o lar, enquanto as mulheres mais maduras podem ter maior autonomia social e financeira, facilitando assim a sua saída de relações abusivas (Bernardino *et al.*, 2016; Vasconcelos *et al.*, 2021).

No que tange à escolaridade, O estudo de Venturin *et al.* (2020) destacou que a violência física está associada à menor escolaridade (até 8 anos), nesse sentido, dialoga com os resultados obtidos no primeiro estudo de Moroskoski *et al.* (2021) e diverge dos achados no segundo momento do estudo. A literatura indica que a baixa escolaridade aproxima mulheres à experimentação de violência em relações íntimas, possivelmente devido à falta de informação a respeito dos seus direitos, enquanto mulheres com maior escolaridade podem vir a possuir mais acesso a recursos financeiros, culturais e de proteção contra tais situações (Bernardino *et al.*, 2016; Vasconcelos *et al.*, 2021). Vale ressaltar que ter uma maior escolaridade e estar inserida no mercado de trabalho também não são garantias suficientes

para o encerramento do ciclo de violência, tendo em vista que mulheres com formação podem permanecer em relações violentas (Moroskoski *et al.*, 2021)

De maneira geral, os resultados indicam uma prevalência de mulheres negras que em sua maioria são agredidas por parceiros masculinos (Moroskoski *et al.*, 2021; Vasconcelos *et al.*, 2022). A ideia de interseccionalidade traz à tona as conexões existentes entre as diversas vertentes de poder, sendo elas raça, etnia, gênero e classe. Essas interseções constituem questões sociais, econômicas e políticas e, através dessa dinâmica atua o desempoderamento (Barbosa *et al.*, 2021). Vale considerar que mulheres negras possuem um contexto histórico marcado por violências sofridas durante a escravidão, nesse sentido, além de terem exercido trabalhos braçais juntamente com os homens escravos, as mulheres negras também eram sexualizadas e tinham os seus corpos violentados, dessa maneira, além de sofrerem racismo também sofriam violência de gênero (Davis, 2016). Os perfis das vítimas de relações violentas serem mulheres negras, em sua maioria, remonta a todo um processo histórico de vulnerabilização em que estas se encontravam e que ainda se encontram, daí ser importante considerar as interseccionalidades e vulnerabilidades desta população.

#### *Questões culturais e de gênero que permeiam o que é ser mulher e as relações amorosas marcadas por violência*

Desde a fase infantil, as mulheres foram direcionadas aos afazeres domésticos e cuidados com os outros membros da família quando suas mães não estavam presentes, logo, desde muito cedo já estavam sendo introduzidas no formato patriarcal e ensinadas que essa forma de se relacionar correspondia a uma verdade incontestável. Esse modelo de cuidado imposto a mulher é institucionalizado através do patriarcado, como destaca Vasconcelos *et al.* (2022), que a partir do poder paterno impõe-se a dominação de homens sobre mulheres. Além disso, observa-se a influência do dispositivo materno na subjetivação de mulheres, desse modo, elas são direcionadas ao cuidado dos seus parceiros, familiares e até mesmo dentro de relações amorosas (Zanello, 2018).

É possível observar a cobrança vinda das mães para que suas filhas cumpram com os papéis sociais de ser mulher desde muito cedo. Nesse sentido, até as vítimas desse sistema podem propagar a ideia do patriarcado. O corpo das mulheres carrega diversas violências

sejam elas perpetradas pelos outros ou por si mesmas, devido a um sistema de opressão que as atravessa (Ribeiro & Souza, 2022).

O estudo de Machado *et al.* (2021) demonstrou que os pais das participantes de sua pesquisa não permitiam que estas se relacionassem amorosamente e sexualmente antes do casamento e muitas delas terminavam por ceder às exigências paternas, pois ao mesmo tempo em que o pai impunha medo, controle e autoridade, ele também demonstrava proteção e carinho. Para escapar desse cenário muitas participantes fugiram de casa, enquanto outras constituíram famílias. A partir do que foi explicitado, pode-se perceber que desde muito cedo as participantes da mencionada pesquisa já estavam aprendendo a se relacionar de maneira confusa, tendo em vista o comportamento ambíguo dos pais em relação a elas, pois, ora os pais eram autoritários, ora acolhedores e amorosos. Nesse cenário, sem o apoio familiar e falta de autonomia, muitas delas terminaram se envolvendo afetivamente com homens que reproduziam os mesmos comportamentos machistas e controladores dos pais.

Quando as participantes perceberam que estavam imersas em relações violentas, se arreponderam de suas escolhas e, mesmo grávidas, eram violentadas por seus abusadores. De maneira geral, terminar um relacionamento violento era mais difícil do que sair da casa dos pais. Embora a ideia cristalizada no meio social de que ter um namoro, casamento ou parceiro íntimo garantirá a mulher apoio e proteção, as relações podem se mostrar opostas a essas expectativas (Freitas & Sales, 2019).

No processo de se perceber enquanto mulher que vivencia violência em relações íntimas, as mulheres também percebiam que os seus corpos eram vistos como objetos em diversas situações cotidianas. De maneira geral, observou-se a dificuldade das mulheres em identificar que estavam vivenciando contextos de violência. Para entender que estavam submersas em relações abusivas, uma rede de apoio que respeitasse as suas questões foi necessária. No entanto, revelar que estavam vivendo relacionamentos abusivos também gerou mais violências, tendo em vista que os seus relatos foram pomenorizados. A banalização repercutiu em suas relações familiares, trabalho e em si mesmas (Ribeiro & Souza, 2022).

Também é importante destacar que o apoio proporcionado através das redes sociais foi fator importante para a superação do relacionamento violento, além disso, contar as suas histórias deu visibilidade a esse assunto que, por vezes, é negligenciado. D



Apesar de estarem expostas em um contexto cultural que banaliza atos violentos em relações amorosas, muitas mulheres, cotidianamente, rompem e encerram o ciclo de violência vivido. No geral, as vítimas podem vir a utilizar diversas instituições protetivas para romper com o parceiro que pratica violência, tais como apoio familiar, social e da igreja (Freitas & Sales, 2019).

### *Considerações finais*

Estudos que abarcam a violência e abusos em relacionamentos íntimos praticados por parceiros são de extrema relevância para o cenário nacional. Destacar as características e efeitos da violência na vida das mulheres vitimadas viabiliza novos estudos e a reformulação de políticas públicas de assistência as mulheres que sofrem tal situação. Por se tratar de um recorte de projeto de mestrado, observam-se limitações em seu alcance, sendo necessários mais estudos que abordem a violência por parceiro íntimo no contexto brasileiro.

Ressalta-se a importância de estudos qualitativos ou com metodologia mista, que envolvam a compreensão de mulheres diante de situações de violência no âmbito amoroso. Abordar essa questão a partir do relato das vítimas é dar voz às mulheres que, muitas das vezes, foram silenciadas em sua existência. Nesse sentido, também proporciona um espaço acolhedor para as vítimas, bem como, contribui para que mais mulheres consigam se perceber e romper com situações semelhantes.

Enquanto psicólogas e pesquisadoras, reconhecemos a importância de tal tema devido ao risco de vida que as vítimas estão expostas, bem como as consequências que esse tipo de violência pode acarretar para a saúde mental das mulheres. Além disso, é importante que os futuros pesquisadores considerem de maneira mais sistematizada, questões de gênero presentes em relações abusivas e as interseccionalidades que terminam por vulnerabilizar determinadas mulheres.

### **Referências**

- Baragatti, D. Y.; Carlos, D. M.; Leitão, M. N. d. C.; Ferriani, M. d. G. C. & Silva, E. M. (2018). Rota crítica de mulheres em situação de violência por parceiro íntimo. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 26(3025), 2-9. <https://doi.org/DOI: 10.1590/1518-8345.2414.3025>.

- Barbosa, J. P. M.; Lima, R. D. C. D.; Santos, G. D. B. M.; Lanna, S. D. & Andrade, M. A. C. (2021). Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades. *Saúde Soc. São Paulo*, 30(2), 1-13. <https://doi.org/DOI 10.1590/S0104-12902021200367>
- Bernardino, I. D. M.; Barbosa, K. G. N.; Nóbrega, L. M. D.; Cavalcante, G. M. S.; Ferreira, E. F. E. & D'Avila, S. (2016). Violência contra mulheres em diferentes estágios do ciclo de vida no Brasil: um estudo exploratório. *Rev Bras Epidemiol* 19 (4). <https://doi.org/DOI: 10.1590/1980-5497201600040005>
- Carpanez, T. G.; Lourenço, L. M. & Bhone, F. M. D. C. (2019). Violência entre parceiros íntimos e uso de álcool: estudo qualitativo com mulheres da cidade de Juiz de Fora-MG. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 14(2), 1-18. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082019000200012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000200012)
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe* (1st ed.). Boitempo.
- Freitas, M. F. C. D. & Sales, M. M. (2019). MARIA, MARIAS: NARRATIVAS DE MULHERES SOBRE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 4(7). <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/20769/15043>
- Krug, E. G.; Dahlberg, L. L.; Mercy, J. A.; Zwi, A. B.; Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization; 380 p.
- Leite, F. M. C.; Luis, M. A.; Amorim, M. H. C; Maciel, E. L. N. & Gigante, D. P. (2019). Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: estudo com usuárias da atenção primária. *REV BRAS EPIDEMIOL*, 22(190056), 1-14. <https://doi.org/DOI: 10.1590/1980-549720190056>
- Machado, D. F.; Castanheira, E. R. L. & Almeida, M. A. S. D. (2021). Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo. *Ciência & Saúde*

*Coletiva*, 26(3), 5003-5012. [https://doi.org/DOI: 10.1590/1413-812320212611.3.02472020](https://doi.org/DOI:10.1590/1413-812320212611.3.02472020).

Mascarenhas, M. D. M.; Tomaz, G. R.; Meneses, G. M. S. D.; Rodrigues, M. T. P.; Pereira, V. O. d. M. & Corassa, R. B. (2020). Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil, 2011–2017. *REV BRAS EPIDEMIOL*, 23(200007), 1-13. [https://doi.org/DOI: 10.1590/1980-549720200007.supl.1](https://doi.org/DOI:10.1590/1980-549720200007.supl.1)

Moroskoski, M.; Brito, F. A. M. D.; Queiroz, R. O.; Higarashi, I. H. & Oliveira, R. R. D. (2021). Aumento da violência física contra a mulher perpetrada pelo parceiro íntimo: uma análise de tendência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(3), 4993-5002. [https://doi.org/DOI: 10.1590/1413-812320212611.3.02602020](https://doi.org/DOI:10.1590/1413-812320212611.3.02602020)

Oliveira, A. S. L. A. D.; Moreira, L. R.; Meucci, R. D. & Paludo, S. d. S. (2021). Violência psicológica contra a mulher praticada por parceiro íntimo: estudo transversal em uma área rural do Rio Grande do Sul, 2017. *Epidemiol. Serv. Saude*, 30(4). [https://doi.org/doi: 10.1590/S1679-49742021000400017](https://doi.org/doi:10.1590/S1679-49742021000400017)

Rabelo, D. P.; Santos, K. C. D. & Aoyama, E. d. A. (2019). INCIDÊNCIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A LEI DO FEMINICÍDIO. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, 1(4), 71-76. <https://www.bing.com/search?q=INCID%C3%80NCIA+DA+VIOL%C3%80NCIA+CONTRA+A+MULHER+E+A+LEI+DO+FEMINIC%C3%80DIO+DOI&qs=n&form=QBRE&sp=1&ghc=1&lq=1&pq=incid%C3%A0ncia+da+viol%C3%A0ncia+contra+a+mulher+e+a+lei+do+feminic%C3%ADdio+doi&sc=1-66&sk=&cvid=BB24245B05B64B1798C25B12B07BEDF4&ghsh=0&ghacc=0&ghpl=>

Ribeiro, N. B. & Souza, C. C. B. X. D. (2022). Reflexões sobre as redes sociais de suporte de mulheres que sofreram violência de gênero perpetrada por parceiro íntimo: considerações sobre a percepção do corpo e da sexualidade das mulheres. *Rev Ter Ocup Univ São Paulo*, 32(1-3). <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v32i1-3e203875>

- Schraiber, L. B.; Latorre, M. D. R. D. O.; Junior, I. F.; Segri, N. J. & D'Oliveira, A. F. P. L. (2010). Validade do instrumento WHO VAW STUDY para estimar violência de gênero contra a mulher. *Rev Saúde Pública*, 44(4), 659-666. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010000400009>
- Souza, L. K. D. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, (2), 51-67. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v71n2/05.pdf>.
- Souza, D. C. D. & Silva, I. R. D. (2022). *Relacionamentos Abusivos: significados atribuídos por jovens acadêmicos da Universidade Federal do Amazonas* (1st ed.). Editora UEA. <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/4138>
- Tesche, V. R. & Weinmann, A. O. (2018). Reflexões sobre o enredamento feminino em relacionamentos abusivos. *Caderno Espaço Feminino*, 31(1), 201-225. <https://doi.org/DOI: http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v31n1-2018-11>.
- Vasconcelos, N. M. D.; Andrade, F. M. D. D.; Gomes, C. S.; Pinto, I. V. & Malta, D. C. (2021). Prevalência e fatores associados a violência por parceiro íntimo contra mulheres adultas no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde, 2019., 24 (210020). <https://doi.org/10.1590/1980-549720210020.supl.2>
- Vasconcelos, N. M. D.; Andrade, F. M. D. D.; Gomes, C. S.; Bernal, R. T. I. & Malta, D. C. (2022). Violência física contra mulheres perpetrada por parceiro íntimo: análise do VIVA Inquérito 2017. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(10), 3993-4002. <https://doi.org/DOI: 10.1590/1413-812320222710.08162022>
- Venturin, B.; Azevedo, T. S. D. L.; Pedroso, M. R. d. O.; Nascimento, L. D. C. N.; Souza, M. V. D. & Leite, F. M. C. (2020). Prevalência e fatores associados à violência contra a mulher cometida pelo parceiro íntimo. *Rev. Bras. Pesq. Saúde*, 22(2), 119-129. <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/27817/23159>

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação* (1st ed.). Appris.

*4.2 Buscando o amor, ela encontrou dor: Experiências de mulheres do Amazonas sobre relacionamentos amorosos marcados por violência*

**Resumo**

A violência exercida em relacionamentos amorosos e íntimos é fator de risco à vida de mulheres, que representam as maiores vítimas. Diversas sequelas são observadas em seu bem-estar presente e futuro. A dinâmica de um relacionamento abusivo envolve uma série de comportamentos violentos, tais como, controle, abuso de poder, violência psicológica, física, sexual e moral. Uma relação violenta é sustentada pela violência de gênero e, por esse motivo, o presente estudo se guiará pela teoria dos dispositivos de gênero. O objetivo geral desse artigo é analisar as experiências de relações abusivas na vida de mulheres amazônidas. Trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva e transversal. O grupo de participantes foi composto por dez mulheres com idade entre 18 e 40 anos, que vivenciam ou vivenciaram relações violentas. Para a coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada e o método de análise, a Análise de Conteúdo Temática. Como resultados preliminares observa-se que as participantes foram monitoradas por seus parceiros, a violência psicológica se fez presente em todas as relações e esses comportamentos impactaram de maneira integral a vida dessas mulheres.

*Palavras-chave:* Violência contra a mulher. Violência por parceiro íntimo. Violência de Gênero. Estudos de gênero. Pesquisa Qualitativa.

Looking for love, she found pain: Experiences of women from Amazonas with romantic relationships marked by violence

**Abstract**

Violence exercised in loving and intimate relationships is a risk factor for the lives of women, who represent the biggest victims. Several consequences are observed in their present and future well-being. The dynamics of an abusive relationship involve a series of violent behaviors, such as control, abuse of power, and psychological, physical, sexual, and moral violence. A violent relationship is sustained by gender violence and, for this reason, the present study will be guided by the theory of gender devices. The general objective of this

article is to analyze the experiences of abusive relationships in the lives of Amazonian women. This is qualitative, descriptive, and cross-sectional research. The group of participants was made up of ten women aged between 18 and 40 years, who experience or have experienced violent relationships. For data collection, semi-structured interviews and the analysis method, Thematic Content Analysis, were used. As preliminary results, it is observed that the participants were monitored by their partners, psychological violence was present in all relationships, and these behaviors had a significant impact on the lives of these women.

*Keywords:* Violence against women. Intimate partner violence. Gender violence. Gender studies. Qualitative research.

Buscando amor, encontró dolor: experiencias de mujeres amazónicas sobre relaciones románticas marcadas por la violencia

### **Resumen**

La violencia ejercida en las relaciones amorosas e íntimas es un factor de riesgo para la vida de las mujeres, quienes representan las mayores víctimas. Se observan varias consecuencias en su bienestar presente y futuro. La dinámica de una relación abusiva involucra una serie de conductas violentas, como control, abuso de poder, y violencia psicológica, física, sexual y moral. Una relación violenta se sustenta en la violencia de género y, por ello, el presente estudio se guiará por la teoría de los dispositivos de género. El objetivo general de este artículo es analizar las experiencias de relaciones abusivas en la vida de mujeres amazónicas. Se trata de una investigación cualitativa, descriptiva y transversal. El grupo de participantes estuvo formado por diez mujeres de edades comprendidas entre 18 y 40 años, que viven o han vivido relaciones violentas. Para la recolección de datos se utilizaron entrevistas semiestructuradas y el método de análisis Análisis de Contenido Temático. Como resultados preliminares, se observa que las participantes fueron monitoreadas por sus parejas, la violencia psicológica estuvo presente en todas las relaciones y estas conductas impactaron integralmente la vida de estas mujeres.

*Palabras clave:* Violencia contra la mujer. Violencia de pareja. Violencia de género. Estudios de género. Investigación cualitativa.

## **Introdução**

A violência é um fenômeno que abarca diversas pessoas e pode ocorrer em vários formatos de relações, no entanto, alguns grupos são mais vulneráveis, como é o caso das mulheres que são vítimas de relações afetivas com comportamentos abusivos. Por afetar principalmente as mulheres também representa uma violência de gênero, devido a dominação de um gênero, geralmente o masculino, sobre o outro, feminino. Além disso, atualmente é considerada questão de saúde pública. A relação violenta pode ser definida como um conjunto de ações agressivas, tais como, agressões físicas, identificadas como estapear, socar e agredir com objetos; violência psicológica quando o parceiro busca intimidar, manipular, isolar e culpar a vítima; violência sexual, quando o parceiro força relações sexuais e retira a camisinha durante a relação sexual sem o consentimento da parceira (OMS, 2002).

No contexto nacional, o boletim disponibilizado pela Secretaria de Vigilância em Saúde analisou os registros da Vigilância de Violências e Acidentes, disponíveis no Sistema Nacional de Atendimento Médico (SINAM). Foi identificado que no ano de 2018 as mulheres representaram 91,5% das notificações, com predominância da raça negra 52,0% (Ministério da Saúde, 2020). O estudo desenvolvido por Vasconcelos (2021) analisou os dados registrados na Pesquisa Nacional de Saúde e os resultados indicam que das 34.334 mulheres participantes, as mais jovens 8,96% (18-24 anos) foram as maiores vítimas de violência em relações, a violência psicológica foi de maior prevalência, totalizando 7,07%, em segundo lugar a física representando 2,75% e, por último, a sexual com um total de 0,68%.

Para entender e situar o fenômeno estudado, consideramos a teoria dos dispositivos de gênero, proposta por Zanello (2022), que destaca o papel da cultura, contexto histórico, e influências das “*tecnologias de gênero*” no processo de tornar-se humano. Segundo a autora, os homens e mulheres da cultura brasileira se subjetivam a partir de certos dispositivos, quais sejam: o dispositivo amoroso e o dispositivo materno delegado às mulheres e o dispositivo da eficácia para os homens. Nesse sentido as mulheres se relacionam consigo mesmas a partir do olhar do homem que as escolhe, sendo a sua autoestima constituída a partir da escolha de um homem. Caso a mulher não consiga satisfazer essa área de sua vida,



experimenta o fracasso em ser mulher. A autora utiliza a metáfora da “*prateleira do amor*” para mostrar que as mulheres estão dispostas nessa prateleira e são escolhidas pelos homens a partir do ideal estético vigente e, caso alguma mulher não corresponda a esse ideal, será preterida. Ressalta-se que essa prateleira só favorece aos homens e vulnerabiliza tanto as mulheres que ocupam uma posição acima na prateleira, quanto as que estão em uma posição abaixo. O dispositivo materno, a partir de um discurso de que toda mulher possui dentro de si a capacidade de cuidar e procriar, delega à mulher a função de cuidado de outros, como: filhos, companheiros, parentes etc. O dispositivo da eficácia, que se volta a figura masculina, corresponde ao campo da virilidade sexual e laborativa. Nesse sentido, o homem se subjetiva enquanto homem quando consegue exercer atividades laborais, sustentar a família e ser potente sexualmente, de forma ativa, sem fraquejar nas áreas citadas. Esses dispositivos vulnerabilizam a saúde mental de mulheres e homens, representando um importante fator de risco. Nesse sentido, os relatos serão analisados aqui tendo como base esse quadro teórico.

Para explorar o fenômeno em questão, o presente artigo tem como objetivo analisar as experiências de relações abusivas na vida de mulheres amazônidas e subsidiariamente: identificar os tipos de violência que se fazem presentes nas relações abusivas das participantes, analisar as influências dos dispositivos de gênero que sustentam a relação violenta e permanência das mulheres nessa relação e descrever os efeitos de uma relação amorosa marcada por violência na vida atual das mulheres participantes.

## **Método**

Esse texto é resultado de uma análise desenvolvida a partir de dados de pesquisa de mestrado. Para abordar a temática, a pesquisa adotou a abordagem qualitativa, buscando a contextualização do objeto de pesquisa inserido dentro de uma realidade social. A compreensão do objeto é realizada levando em consideração as subjetividades das participantes de pesquisa em uma construção que dialoga com as interpretações do pesquisador sobre o fenômeno estudado, interligando à fundamentação teórica (Lima, 2018). O diferencial de um estudo qualitativo é a investigação, que tem como foco a captação de como um único fenômeno pode ser vivenciado e significado pelos participantes de forma semelhante ou diversa (Pesce & Abreu, 2013). O estudo é descritivo e de campo, a realidade foi descrita tal como se mostra e os dados coletados no ambiente natural das participantes. A temporalidade é transversal, nesse sentido, as participantes foram entrevistadas apenas

uma única vez. Foram contactadas por conveniência/acessibilidade, de modo que o grupo de participantes foi composto por mulheres selecionadas a partir da disponibilidade das mesmas, desde que fossem mulheres que vivem ou viveram relações íntimas violentas (Appolinário, 2012).

### **Participantes**

O grupo de participantes foi composto por dez mulheres a que vivenciaram ou estavam vivenciando uma relação amorosa marcada por violência. Como critérios de inclusão, foram selecionadas mulheres que sofrem ou sofreram violência em relações íntimas, com idade entre 18 a 40 anos, naturais do Amazonas e residentes do município de Manaus. Justifica-se a escolha da faixa etária, tendo em vista o estudo desenvolvido por Vasconcelos *et al.* (2021), que destaca o maior percentual de mulheres vítimas de violência em relações íntimas no Brasil dentro da faixa etária de 18 a 24 anos, seguidamente das mulheres de 25 a 39 anos de idade. Dessa forma, buscou-se compreender as experiências relatadas por mulheres que estão dentro do grupo de maior incidência do fenômeno.

### **Instrumentos**

A coleta dos dados foi realizada através de uma entrevista semiestruturada, que é definida como uma conversa com objetivo. Este recurso metodológico possibilita compreender de maneira mais aproximada o que as pessoas sentem ou pensam sobre determinado fenômeno (Silva *et al.*, 2018). Durante a realização das entrevistas buscou-se manter uma escuta ativa para todo o relato das participantes e proporcionar um ambiente seguro para que as participantes pudessem discorrer livremente sobre suas experiências. Para iniciar, foi solicitada a gravação por áudio de todas as entrevistas e após o consentimento informado, as entrevistas foram iniciadas.

### **Procedimentos**

A pesquisa seguiu os critérios dispostos na Resolução 466/12-CNS, que destaca e regulamenta pesquisas com seres humanos e a Resolução 510/16-CNS, que define normas em pesquisas desenvolvidas no campo das ciências humanas e sociais. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amazonas

(UFAM), CAAE nº 75114923.0.0000.5020 e, a partir do parecer favorável, foi iniciada a sua divulgação. Ressalta-se ainda que os nomes das participantes foram substituídos por pseudônimos para manter o sigilo, parte essencial para ética do estudo. A procura das participantes ocorreu através das redes sociais das pesquisadoras, tais como, *Instagram, Twitter e Whatsapp*. Caso as participantes demonstrassem interesse em participar do estudo, em um primeiro momento, foram convocadas a preencher um formulário no *Google Forms* com algumas informações pessoais, tais como nome, idade, local de nascimento, gênero, número de telefone e e-mail. Após o preenchimento, as pesquisadoras entraram em contato com as participantes que se enquadravam nos critérios de inclusão da pesquisa e as entrevistas ocorreram no formato *online*, através da plataforma *google meet*. As entrevistas foram realizadas individualmente com cada participante e agendadas de acordo com a disponibilidade e conveniência das participantes. Foram selecionadas 10 mulheres naturais do Amazonas e que vivem atualmente no município de Manaus. 40 mulheres responderam o formulário *online*, no entanto, 10 mulheres foram selecionadas por atenderem aos critérios de inclusão do estudo. Vale ressaltar que três mulheres lésbicas que experienciaram relações violentas responderam ao formulário e, por não corresponderem ao perfil da pesquisa, não foram selecionadas, dessa forma, é válido considerar novas pesquisas que busquem a compreensão de mulheres que sofreram violência em relacionamentos homoafetivos, devido a relevância do tema na atualidade.

Para análise dos dados, utilizou-se a Análise Temática (AT), desenvolvida por Braun e Clarke (2006). A AT busca identificar padrões de ocorrência nos relatos das participantes da pesquisa. Seis fases são necessárias para processo de análise:

1. *Familiarização com os dados*: Nessa etapa as pesquisadoras leram e releeram incessantemente o material, com atenção a possíveis padrões. Foram anotadas ideias principais e, apesar de ser a primeira etapa, a leitura do material foi realizada durante todo o processo de análise;
2. *Geração dos códigos iniciais*: Os primeiros códigos foram criados, a partir da leitura das transcrições. Os códigos refletem grupos que carregam significados. O processo de codificação deste estudo foi feito através do *software Atlas.ti*, pois a ferramenta auxilia a criação e visualização dos códigos. Por ter uma melhor organização e visualização das transcrições de entrevistas, com o auxílio da ferramenta foi possível visualizar os códigos, temas e subtemas, além disso, o

*Atlas.ti* vem sendo muito utilizado no campo da pesquisa qualitativa (Júnior & Leão, 2018). Vale ressaltar que o *Atlas.ti* auxilia o pesquisador no que tange a organização, mas a análise não é feita por ele, desse modo, toda a construção da análise foi desenvolvida pelas pesquisadoras.

3. *Busca por temas*: Foi realizada uma filtragem e sondagem de possíveis temas, subtemas ou descarte de códigos que não correspondem aos objetivos da pesquisa. Nesse momento, também foi realizada a combinação de códigos diferentes, mas que refletem o mesmo tema geral. Os temas e códigos são apresentados em quadros, para melhor visualização;
4. *Revisão de temas*: Nessa etapa foi observado se os temas podem ser agrupados ou subdivididos. A homogeneidade interna e heterogeneidade externa também foram analisadas, pois o tema precisa ter um padrão interno e se diferenciar dos demais temas. Nessa fase também foi feita a filtragem dos temas considerando todo o banco de dados disponível.
5. *Definição e denominação dos temas*: Um refinamento maior dos temas foi realizado, pensando na análise final. Uma filtragem foi realizada pelas pesquisadoras para se ter a certeza de quais são os temas e os títulos temáticos foram criados nessa etapa.
6. *Produção do relatório*: Representa o momento da análise final e escrita da análise. Para exemplificar os temas, as pesquisadoras buscaram demonstrar através de trechos de falas das participantes, bem como as produções científicas que corroboram ou se contrapõem aos dados do estudo.

## **Resultados**

### *Apresentação das participantes*

Mônica refere ter se relacionado com homens de comportamento abusivo 4 vezes, no entanto, 3 relacionamentos foram mais marcantes. Começou a se relacionar com 16 anos de idade e seu ex parceiro tinha 34 anos. Começou a fazer terapia para conseguir lidar com os efeitos da relação abusiva e atualmente possui bloqueio emocional para relações sérias.

Larissa destaca que sua relação abusiva se iniciou quando tinha 16 anos e durou 6 anos. O relacionamento começou dentro da igreja e refere que na época era bastante

religiosa, principalmente por influência da família. A sua família, especificamente sua mãe, não acreditou que ela sofria violência de seu esposo e essa mesma mãe no passado sofreu violência de seu marido. A terapia a ajudou a lidar com a relação violenta. Chegou a se relacionar novamente, mas terminou a relação por conta de uma traição.

Márcia destacou que sua mãe já vivenciou uma relação abusiva e teve medo de contar para a sua rede de apoio, pois a sua família poderia não acreditar. A sua família ajudava financeiramente seu ex namorado. Também começou a fazer terapia e está em um relacionamento em que existe parceria e respeito.

Tamiris atualmente está em uma nova relação amorosa e também iniciou a terapia para lidar com os traumas da relação.

Ariely descreve que sempre vivenciou relações abusivas e atualmente está em uma relação amorosa saudável, no entanto, teve dificuldade para começar a relação devido as desconfianças que possuía. Na época, chegou a fazer terapia para superar as relações marcadas por violência.

Cleide comenta que a relação começou de forma rápida e que foi curta. Por ser muito católica, apenas enxergava duas opções, ser freira ou casar. Após a relação violenta, não chegou a se relacionar amorosamente com outra pessoa.

Adailde destaca que o seu relacionamento iniciou de maneira rápida e intensa. Atualmente está em uma relação há 4 anos.

A participante Raquel começou a relação aos 16 anos, ainda sem ter concluído o ensino médio. A relação iniciou de maneira positiva, mas ao longo dos meses o seu ex parceiro foi mudando. Se relacionou novamente após o término da relação violenta, mas teve dificuldade devido às suas inseguranças.

Rebeca conheceu o seu ex parceiro abusivo aos 18 anos e ele é pai de seu primeiro filho, situação da qual se culpa e lamentou durante a entrevista. Refere estar em uma relação saudável, o atual marido de Rebeca trata o seu filho como se fosse dele, diferente do pai que o abandonou.

Aline comenta que a sua relação iniciou quando ainda estava na graduação e durou 6 anos. No início não tinha sinais perceptíveis que seu companheiro seria violento. Chegou a fazer terapia para lidar com a relação vivida e está em uma relação em que é respeitada.

A seguir, demonstra-se o quadro com as demais informações sociodemográficas.

## **Quadro 1**

*Características das participantes*

<b>Participante</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão/situação</b>	<b>Raça</b>	<b>Religião</b>	<b>Renda média familiar</b>
Mônica	Vinte e um anos	Solteira	Ensino médio/técnico completo	Empregada	Parda	Matriz africana	Mais de um salário mínimo
Larissa	Vinte e três anos	Separada	Ensino superior incompleto	Desempregada	Parda	Não possui	Dois ou mais salários mínimos
Márcia	Vinte e sete anos	Solteira	Ensino superior completo	Empregada	Branca	Católica	Dois ou mais salários mínimos
Tamiris	Vinte e seis anos	Casada	Ensino superior completo	Empregada	Parda	Católica	Dois ou mais salários mínimos
Ariely	Vinte e sete anos	Solteira	Ensino superior incompleto	Desempregada	Branca	Não possui	Dois salários mínimos
Cleide	Vinte e sete anos	Solteira	Ensino superior incompleto	Empregada	Branca	Católica	Dois ou mais salários mínimos
Adailde	Vinte e dois	Solteira	Ensino superior incompleto	Empregada	Parda	Não possui	Dois ou mais salários

	anos						mínimos
Raquel	Vinte e dois anos	Casada	Ensino médio/técnico completo	Desempregada	Parda	Não possui	Mais de um salário mínimo
Rebeca	Vinte e cinco anos	Casada	Ensino superior completo	Desempregada	Preta	Não possui	Mais de um salário mínimo
Aline	Vinte e oito anos	Solteira	Ensino superior completo	Empregada	Parda	Católica	Dois ou mais salários mínimos

**Fonte:** Elaborada pelas autoras, 2024.

Diferentemente da literatura, as participantes deste estudo, em sua maioria, tinham ou estavam em formação em ensino superior ou possuíam formação em nível médio, contrariando os principais resultados de pesquisas sobre violência exercida por parceria íntima, cujo índice de violência foi observado em mulheres com baixa escolaridade (Lindner *et al.*, 2015; Coelho *et al.*, 2022; Vasconcelos *et al.*, 2022).

Em relação à idade, as participantes representam a faixa etária de jovens adultas, em período reprodutivo e que estão sexualmente ativas. No que tange à raça, as mulheres participantes desse estudo são, em sua maioria, pardas/negras. Os resultados corroboram com o estudo de Santana *et al.*, (2022), e Coelho *et al.*, (2022), em que a maior parte das participantes eram negras ou pardas, nesse sentido, mulheres racializadas são mais suscetíveis de vivenciar violência em relações se comparada às brancas. Esse resultado demonstra a vulnerabilidade de mulheres negras, devido a interseccionalidade de gênero e raça na qual estão inseridas. No contexto brasileiro, as mulheres negras são as maiores vítimas de violência em relações amorosas e vítimas de feminicídio (Guimarães & Zanello, 2022).

A análise dos relatos das participantes resultou em dois temas principais: 1. “Características do agressor e contexto das violências”; 2. “Perfil das mulheres que vivenciaram a violência em relações afetivas”, como demonstrado abaixo:

## Quadro 2

### *Apresentação de temas e códigos*

<b>Tema</b>	<b>Códigos</b>
Características do agressor e contexto das violências	Apertar, empurrar, bater em objetos, ciúmes, controle e isolamento
Ser uma mulher que vive uma relação marcada por violência	Cuidado, discursos de amor Culpa, baixa autoestima, desconfiança e ansiedade

**Fonte:** Elaborada pelas autoras, 2024.

Para abordar cada tema, a seção seguinte, discussão, trará trechos das falas das participantes ao longo do texto que ilustram cada ponto citado. O tema, “*características do agressor*” aborda os comportamentos do parceiro nos momentos de violência física, psicológica e sexual. A violência era a forma que os parceiros utilizavam para se relacionar com as participantes da pesquisa, vale ressaltar que muitas vezes as violências aparecem de forma concomitante.

Os códigos que emergiram representam comportamentos como: apertar, empurrar e bater em objetos, ciúmes, controle, isolamento e falta de liberdade da vítima. A dinâmica de uma relação controladora e abusiva permeia a restrição de liberdade das participantes, como o direito de ir e vir, controle de roupas, redes sociais, localização e isolamento de sua rede de apoio. Em relação a violência sexual, foi visualizada apenas em dois relatos e será descrita juntamente com a violência psicológica.

O tema “Ser uma mulher que vive uma relação marcada por violência” busca direcionar um olhar compreensivo para as experiências subjetivas e comportamentos das mulheres, durante o relacionamento. Reflete sobre alguns fatores culturais e de gênero que influenciam a experiência das participantes, envolvendo os códigos: cuidados e discursos de amor, culpa, baixa autoestima, medo, desconfiança, ansiedade e dependência emocional.



## Discussão

### 4.2.1 Características do agressor e contexto das violências

As participantes relataram que os seus parceiros praticavam a violência física arremessando objetos em sua direção ou batendo em um objeto quando, na verdade, a intenção era direcionar a violência à vítima, como demonstra o relato de Larissa (23 anos, Ensino superior incompleto): *“A gota d’água para eu sair de casa foi quando ele bateu na parede para não bater em mim e eu me senti na parede”*. O relato de Tamiris também demonstra a violência física direcionada a um objeto, *“Eu lembro que ele bateu no painel do carro, no volante, e nesse momento que ele virou, ele já virou dando um soco. O soco pegou na janela do carro, quebrou, foram uns estilhaços que ficaram... eu tenho algumas coisas no braço ainda”* (Tamiris, 26 anos, Ensino superior completo).

Os comportamentos agressivos de empurrar, apertar e segurar também foram utilizados por seus parceiros quando as participantes descobriam que estavam sendo traídas, conforme narra Aline:

*“Eu insisti, insisti em querer saber e ele acabou pegando no meu braço apertou querendo que eu desse os papéis que eu tinha encontrado na bolsa dele e ele falando que era do amigo dele e eram números de telefone de outras mulheres. Ele apertou bem forte no meu braço e eu resisti, então ele apertou mais forte. Como eu não quis dar o papel ele me empurrou e bateu com a minha cabeça na parede”* (Aline, 28 anos, Ensino superior completo).

O estudo desenvolvido por Bobato (2021) também identificou em seus resultados que o comportamento violento de apertar alguma parte do corpo da vítima foi observado e utilizado como forma de exercer violência física. Além disso, descobrir uma traição de seu parceiro pode comprometer a reputação e afetar a imagem social do homem em uma sociedade patriarcal. Nesse sentido, a resposta a essa situação, em forma de violência física, dialoga com a ideia de dominação masculina, que muitas vezes é utilizada para naturalizar e manter a figura masculina no lugar de dominação (Vasconcelos *et al.*, 2022). Dessa forma, podemos observar que a violência contra a mulher no contexto da relação afetiva é naturalizada e mantida por uma cultura que atribui poder a um gênero, a partir da

desigualdade, e é permeada por comportamentos violentos na esfera sexual, psicológica, física, financeira e patrimonial, gerando danos as vítimas (Batista *et al.*, 2021).

O contexto da violência física e psicológica também acontece por conta de ciúmes amorosos em situações que representam uma ameaça ao parceiro, como demonstra a fala de uma participante que, ao receber uma mensagem de um amigo de longa data, seu ex parceiro arremessou um objeto contra a vítima e a agrediu “*nem tinha visto a mensagem só que como a mensagem chega no WhatsApp web, a mensagem chegou, e aí, foi a primeira vez realmente que houve uma discussão, que houve uma agressão física, ele jogou o telefone em mim e me deu um empurrão*” (Tamiris, 26 anos, Ensino superior completo). Raquel também conta que foi agredida ao receber uma mensagem:

*“Alguém tinha me mandado mensagem, ele ficou chateado, mas eu particularmente falei que eu não tinha culpa se a pessoa tinha me mandado mensagem [...] Quando chegou na casa dele, a gente discutiu muito, muito mesmo e foi a primeira vez que ele veio querer me agredir [...] Ele me deixou com hematomas no meu rosto”* (Raquel, 22 anos, Ensino médio/técnico completo).

Muitos parceiros vivenciaram ciúme amoroso de sua parceria. Culpavam as vítimas por se sentirem enciumados e apresentavam insegurança quando as participantes falavam com outras pessoas, principalmente amigos homens. Uma participante comenta duas situações e dois contextos em que o parceiro se sentiu ameaçado com a presença de um terceiro.

*“Quando eu comecei a fazer estágio, ele ficou chateado porque no estágio que eu fazia, tinha mais meninos porque eles eram de direito. Esse contato com o sexo masculino começou a incomodar muito e foi quando ele pediu para eu me afastar de alguns amigos [...] Uma pessoa mexeu comigo e ele achou que eu estava dando moral pra pessoa. Nós fomos pra casa dele e lá na casa dele, ele me trancou dentro do banheiro e eu dormi no chão do banheiro lá na casa dele e ele dormiu dentro do quarto”* (Tamiris, 26 anos, Ensino superior completo).

O ciúme é um sentimento que pode ocorrer em diversas relações, nesse sentido, o conceito de ciúme amoroso é uma forma de definir e diferenciar esse tipo de ciúmes dos demais. Uma das participantes do estudo de Guimarães & Zanello (2022) referiu que ao ser assediada, o seu parceiro, por ciúmes, a culpou pela situação, em que foi vítima, e por seu incômodo. Desse modo, podemos inferir que o parceiro culpa as vítimas para justificar atitudes violentas permeadas pelo ciúme. Deixando de se responsabilizar por seus atos, colocam a responsabilidade nas vítimas que, para manter o bem-estar da relação, abdicam de sua liberdade e modos de ser e se vestir.

A revisão sistemática desenvolvida por Pichon *et al.*, (2020) identificou em 4 estudos que os comportamentos violentos dos parceiros ocorriam quando eles tinham a masculinidade ameaçada, devido ao ciúme amoroso e a suspeita de infidelidade da parceira, seja ela real ou imaginária. Tal situação o retira da posição de poder e gera um sentimento de impotência. Para lidar com isso, culpabilizam as vítimas, respondendo com violência física para retornar ao local de poder instituído pelo patriarcado. Além disso, o medo da traição reflete a insegurança de sofrerem o mesmo que eles impunham às vítimas (serem traídos), pois todos os parceiros de todas as participantes desse estudo traíam durante a relação. A violência, seja ela física ou psicológica, pode ser lida a partir dessa tentativa de evitar que o mesmo aconteça com eles.

O controle de redes sociais e localização persistente da parceira apareceu no relato das mulheres e representam ações violentas que roubam a estabilidade emocional dessas mulheres, se constituindo, portanto, em violência psicológica. Márcia, após a sua aula, saiu com amigos da faculdade e relata ter sido monitorada:

*“Eu fui depois da minha aula e chegou mensagem dele falando “onde é que tu tá indo?” e eu falei “como assim?”, ele “por que tu tá indo pra um caminho diferente? Onde é que tu tá indo? Por que tu não tá na faculdade?” Eu falei “Como é que tu sabe que eu estou indo pra um caminho diferente?” Aí foi quando eu descobri que ele me rastreava” (Márcia, 27 anos, Ensino superior completo).*

A participante Tamiris também comenta sobre o monitoramento e controle de suas redes sociais *“As minhas redes sociais eram vinculadas no celular dele e no computador tinha o meu WhatsApp web. Tudo ele monitorava, tudo que eu fazia, tudo que eu falava ou*

*deixava de fazer”* (Tamiris, 26 anos, Ensino superior completo). O comportamento controlador também foi observado no estudo de Bobato (2021) e este comportamento ocorreu devido ao ciúme amoroso ou curiosidade de quem o praticava. Muitas vezes esse sentimento pode ser interpretado como cuidado pelas vítimas e agressores, no entanto, representa uma forma de violência quando é exercido para retirar autonomia, podendo prejudicar a relação e gerar danos psíquicos à parceira amorosa, vítima desse tipo de comportamento.

Podemos perceber que a ação de monitorar, controlar e realizar comportamentos indesejados e persistentes sobre uma determinada pessoa é conhecido como *stalking*. Essas ações resultam em medo e diversos agravos a saúde mental das vítimas e a temática vem sendo estudada cada vez mais, tendo em vista que no Brasil é considerado crime desde o dia primeiro de abril de 2021, através da inserção do art. 147-A, na lei de nº 4.132/2021. A perseguição que coloca em risco a integridade física e psicológica, desrespeitando a liberdade das vítimas, tem como pena de seis meses a dois anos, além da multa (Boen & Lopes, 2019). Nesse sentido, podemos perceber que a prática de monitoramento exercida pelos companheiros das participantes, representam crime na esfera jurídica brasileira.

O controle de roupas também foi identificado e, essa forma de violência, gera diversos agravos à autoestima das mulheres. Tamiris (26 anos, Ensino superior completo) continua pontuando que o controle chegou a esse ponto *“Ele começou a se incomodar com a questão do meu corpo e com as minhas roupas, ele falava que eu usava roupas muito justas”*. Aline (28 anos, Ensino superior completo) também comenta sobre o controle de roupas *“Eu não mencionei, mas isso também aconteceu, onde eu não podia usar roupas curtas, não podia usar roupas muito justas ou com decote”*. No estudo desenvolvido por Guimarães & Zanello (2022) as mulheres participantes também eram heterossexuais e, ao se relacionarem com os homens, percebiam que mudavam seu comportamento e o jeito de se vestirem, devido ao ciúme que seus parceiros sentiam. O ciúme vinha camuflado de cuidado e alguns parceiros chegavam a comprar roupas ou delimitar como elas deveriam se comportar para evitar que outros homens as *“interpretassem mal”*.

Para lidar com as suas inseguranças, os parceiros abusadores buscavam isolar as vítimas de sua rede de apoio, conforme as falas a seguir:

*“Nunca consegui ter um amigo, ele sempre fazia eu me separar das minhas amigadas. Eu tinha que bloquear pra não ter problema, confusão porque se*

*eu não bloqueasse, ele só falava que eu não amava ele, que eu estragava à noite, que eu sempre vinha com um problema” (Mônica, 21 anos, Ensino médio/técnico completo).*

*“Eu via ele me isolando e cheguei até a comentar com ele que parecia que ele estava me manipulando para a minha vida girar em torno dele, mas ele disse que não. Ele me convenceu e eu também assumi a minha responsabilidade” (Cleide, 27 anos, Ensino superior incompleto).*

Os achados de uma revisão sistemática demonstraram que os homens exerciam comportamentos controladores, como as falas descritas acima, para reduzir a autonomia das mulheres e conseqüentemente diminuir uma possível infidelidade por parte delas. Nesse sentido, eles as proibiam de saírem de casa, controlavam redes sociais, roupas e as isolavam na tentativa de evitar uma possível traição. Esse estudo demonstrou que, antecipando uma infidelidade de sua parceria, os homens agiam de forma controladora (Pichon *et al.*, 2020). Portanto, pode-se dizer que o controle da sexualidade, corpo e autonomia, que os homens perpetradores de violência realizam, só é possível pela legitimação da supremacia masculina sobre as mulheres (Vasconcelos *et al.*, 2022).

O sexo em algumas relações era forçado, e as participantes da pesquisa referem ter sido violentadas e abusadas sexualmente. Para uma participante, o sexo não consentido, reconhecido como estupro, foi uma das violências exercidas por seu parceiro *“Eu falei pra ele, acabou. Ele falou: “não, eu te amo”, me abraçou, me beijou, me colocou de quatro e me estuprou e eu não conseguia falar, não conseguia gritar, eu não conseguia me mexer. Ele continuou metendo”* (Larissa, 23 anos, Ensino superior incompleto). A violência sexual também foi observada no relacionamento de Márcia (27 anos, Ensino superior completo). Ela refere que o agressor iniciou a relação no momento em que ela estava bêbada e enquanto dormia: *“o que aconteceu foi que na madrugada eu acordei com ele tentando praticar o ato, só que eu acordei porque já estava doendo.”* A violência sexual foi relatada por três participantes. O baixo registro também é observado em dados estatísticos no contexto nacional. Essa situação reflete a dificuldade da vítima em reconhecer a violência sexual como uma forma de violência (Dantas-berger & Giffin, 2005; Bobato, 2021). Outro aspecto relevante para essa dificuldade dos registros e identificação da violência é a memória, pois por mais que a violência marque as participantes e seja de gravidade intensa, ela pode ser esquecida com mais facilidade se for uma violência que ocorre de maneira “habitual” e

dentro de uma relação amorosa (Lindner *et al.*, 2015). Além disso, a partir de nossas práticas profissionais e experiência acadêmica, a violência sexual realizada no contexto de uma relação íntima tende a ser banalizada pela sociedade o que dificulta a identificação de sua ocorrência nas relações. Em relações abusivas também podemos perceber a ambivalência entre o amor e a violência. A teoria do sexismo ambivalente destaca que o sexismo se manifesta de maneira ambivalente, através de duas ações, a saber, a hostilidade e benevolência. O sexismo hostil corresponde a atitudes livremente preconceituosas, em que existe uma ideia de homens superiores a mulheres, em contrapartida, o sexismo benevolente carrega uma ideia de que a mulher é frágil e precisa ser protegida, ao mesmo tempo em que complementa o homem, o que favorece a submissão das mulheres. Dessa forma, o sexismo ambivalente reforça as violências que homens cometem em relações íntimas contra mulheres através de uma aparência benevolente, o que dificulta que as vítimas percebam as ações do companheiro como violentas ou exploradoras (Glick & Fiske, 2011; Ferreira *et al.*, 2020).

#### *4.2.2 Ser uma mulher que vive uma relação marcada por violência*

O cuidado direcionado ao parceiro (homem cuidado e mulher que cuida) foi um comportamento relatado pelas participantes durante o relacionamento. Elas terminavam cuidando sozinhas da saúde, tarefas de casa, situação financeira e até mesmo do próprio relacionamento e necessidades do companheiro. Devido a esse cuidado prestado, juntamente com a violência que sofriam de seus parceiros, se sobrecarregavam emocionalmente e estavam em situação desigual e vulnerável. Uma das participantes chega a se questionar se estava “*maternando*” seu parceiro:

*“Eu me preocupava mais do que eu me preocupava comigo mesma, era uma preocupação com as coisas que eram relacionadas a ele, preocupação com a farda, com a alimentação, era uma coisa parecida com o que a gente tem com uma criança, com ser mãe. Não sei se eu maternava o meu antigo parceiro, mas enfim, era uma preocupação que eu não tinha nem comigo”* (Rebeca, 25 anos, Ensino superior completo).

Larissa comenta que também cuidava de tudo relacionado à casa *“Eu também cuidava das nossas roupas, cuidava das nossas coisas do mercado. Cuidava da limpeza da casa, cuidava dele também, cuidar da aparência dele, das roupas que ele vestia”* (Larissa, 23 anos, Ensino superior incompleto).

O cuidado também era exercido no âmbito financeiro e todas as participantes *“ajudavam”* financeiramente os parceiros. Podemos observar a violência financeira no relato a seguir:

*“Hoje em dia, eu vejo que foi um pouco de violência financeira porque teve uma época que se eu não tivesse dinheiro, eu era inútil para ele, inclusive, até fiquei endividada nessa época porque eu fazia empréstimos para ter dinheiro para dar para ele e eu fiquei endividada”* (Ariely, 27 anos, Ensino superior incompleto).

O comportamento de cuidado é exercido por mulheres em diversos contextos relacionais. Rebeca, ao questionar se estava maternando o seu parceiro, corporifica em seu relato o que vemos no conceito de dispositivo materno, identificado pela pesquisadora Zanello (2018). A cultura Ocidental, através das mídias de massa, que representam as tecnologias de gênero, coloca a maternidade como sendo constituinte de “ser mulher”, nesse sentido, para que a mulher seja considerada de “valor” ela precisa ser uma boa esposa e mãe. A naturalização da capacidade de cuidado advém da junção entre a procriação e o maternar, formando assim o dispositivo materno. Realizar esse cuidado demanda das mulheres energia mental e física e, conseqüentemente, corresponde a um trabalho, mas esse trabalho é romantizado como um fazer afetivo, a partir de um processo cultural de subjetivação imposto à identidade feminina. Podemos então pensar que o cuidado prestado em relacionamentos afetivos beneficia somente aos seus parceiros e sobrecarrega as mulheres que o exercem, tendo em vista que os homens recebem o cuidado em uma relação desigual entre os gêneros que os favorece (Zanello, 2018; Guimarães & Zanello, 2022). Além de estarem expostas à várias formas de violências em suas relações, as participantes do estudo se preocupavam e cuidavam de todos os aspectos da vida de seus parceiros, como a sua saúde, roupa e comida, tal como numa relação mãe-filho. Em relação ao abuso financeiro, o estudo de Hing *et al.*, (2021) demonstrou que os parceiros que eram viciados em jogos de azar cometiam abusos

financeiros, como criar dívidas no nome da esposa, gastar todos os rendimentos do casal em jogos e essa violência financeira é acompanhada de outras formas de violência.

Além do dispositivo materno, as participantes carregavam expectativas e significavam os relacionamentos amorosos a partir dos ideais do amor romântico. A ideia culturalmente compartilhada de que o amor a tudo suporta, reflete os comportamentos que as participantes possuíam e que sustentavam a permanência delas na relação. A fala das participantes mostra o que o amor representava para elas durante a vivência da relação:

*“Então, aquilo representava amor pra mim, aquilo era amor, era manter o relacionamento. [...] Inclusive, por muito tempo eu tinha uma certa consciência de que eu estava nesse relacionamento porque eu tinha medo de ficar sozinha. Então a minha visão era mais de manter o status de namoro”* (Márcia, 27 anos, Ensino superior completo).

*“Eu era apaixonada, pra mim, eu ia me casar com ele, eu ia ser muito feliz com ele e conquistar as coisas com ele. [...] Eu achava que tudo que ele fazia era para o nosso bem. Eu só lembro que eu queria muito casar com ele, ter filhos, construir casa, trabalhar junto, coisa de casal, que você acha uma pessoa e você idealiza um futuro com ela”* (Ariely, 27 anos, Ensino superior incompleto).

O estudo desenvolvido por Hing *et al.* (2021) destaca que as participantes, vítimas de relacionamento abusivo, tiveram uma criação mais tradicional. Nesse sentido, as mulheres foram ensinadas a achar que o esperado era estar e permanecer em um casamento, mesmo que tivessem que fazer sacrifícios para sustentar o título de ser “mulher casada”. A ideia do amor romântico é sustentada pelas relações de poder, influenciando a dependência psicológica das mulheres. O amor, para as mulheres da nossa cultura, constitui sua identidade e corresponde a uma forma camuflada de (des)empoderamento das mulheres. A identidade feminina se subjetiva a partir do dispositivo amoroso, ou seja, ser escolhida por um homem traz um valor identitário e isso ocorre devido à influência da cultura e das tecnologias de gênero, além de um longo processo de subordinação de mulheres (Zanello, 2018). As falas das participantes refletem a influência do dispositivo amoroso na constituição de suas subjetividades. Muitas mulheres, na nossa cultura, são ensinadas a se calarem para evitar desentendimentos com o parceiro amoroso e tendem a se responsabilizar por toda a relação



e bem-estar de seu parceiro (Zanello, 2022). Além disso, terminar uma relação é estar novamente exposta na prateleira do amor, cujo ideal estético é volátil e o receio de não conseguir alguém novamente pode pesar. Esses elementos explicam por que para Márcia (27 anos, Ensino superior completo), manter o *status* de ser a namorada de alguém era importante, mesmo em uma relação violenta e explica as idealizações de Ariely (27 anos, Ensino superior incompleto), que mesmo vivenciando a violência, pensava em planos futuros com seu parceiro.

O discurso religioso influenciou Cleide (27 anos, Ensino superior incompleto) a estar em uma relação, independentemente de sua qualidade: *“Eu sou católica, como eu disse, muito católica, então tem um pouco desse apelo religioso de se eu não quero ser freira, então caminha e forma uma família”*. Abordando o contexto histórico do casamento, observamos que este foi consolidado no século XVIII como instituição da família, recebendo a bênção da Igreja Apostólica Romana, enquanto o âmbito do trabalho foi se delimitando no espaço masculino. Nesse sentido, o casamento foi se constituindo não apenas como um espaço de submissão da mulher em relação ao homem, mas também como local de reconhecimento e valorização social de uma mulher que *“deu certo”* e é bem-sucedida. Junto a isso, o casamento também inclui outra função que deveria ser conquistada posteriormente na vida das mulheres, sendo essa função a maternidade (Zanello, 2018). Contextualizando a fala de Cleide (27 anos, Ensino superior incompleto) podemos observar o quanto a religião influencia a tomada de decisão das mulheres até os dias atuais e as vulnerabiliza, colocando apenas duas opções possíveis para a sua vida: seguir a vida de freira ou constituir uma família. Podemos até mesmo refletir acerca da realidade de muitas mulheres que, por um apelo religioso e influência de dispositivos de gênero, podem estar experienciando relações violentas.

Em relação aos efeitos de vivenciar uma relação violenta podemos observar as consequências para a saúde mental e subjetividade das participantes. Muitas tiveram dificuldade para se relacionar novamente com outros parceiros e, ao se relacionarem, experimentavam forte desconfiança:

*“Antes eu não confiava, hoje em dia, particularmente, não confio quase em ninguém, em homem, principalmente, eu tenho aquele receio de acontecer novamente e eu fico assim, com pé atrás em tudo”* (Raquel, 22 anos, Ensino médio/técnico completo).

A culpa foi observada na narrativa de algumas participantes, devido à manipulação sofrida. Os parceiros conseguiam fazer com que elas se sentissem culpadas pelos erros cometidos por eles.

*“Eu me sentia muito culpada por isso, até hoje eu me sinto ainda [...] Ele me manipulava muito [...] Ele me fazia sentir culpada pelos erros dele”* (Mônica, 21 anos, Ensino médio/técnico completo). *“E no outro dia ele ainda quis me fazer sentir culpada por não ter ficado preocupada com ele à noite inteira como eu tinha feito antes* (Cleide, 27 anos, Ensino superior incompleto).

A baixa autoestima e o sentimento de culpa também foram elementos importantes no estudo de Hing *et al.* (2021), pois como as mulheres eram violentadas e enganadas terminavam abandonando seus próprios interesses em função do relacionamento, assumindo também a responsabilidade pelos abusos sofridos. Por estarem sujeitas ao controle e manipulação dos parceiros, as mulheres durante e após a vivência da relação, experienciaram baixa autoestima. O relato de uma participante exemplifica a violência psicológica de seu parceiro que buscava controlar suas roupas, questionava suas escolhas profissionais e julgava seu corpo, menosprezando-a.

*“A questão da autoestima porque como ele encrencava muito com o meu peso eu comecei a ficar paranoica com o meu próprio peso então eu não gosto de ficar nem muito gordinha não gosto de ficar nem muito magra porque eu fico achando que eu estou feia, eu fico achando que as pessoas estão me achando gorda [...] essa é mais difícil de ser trabalhada, a autoestima e de me achar capaz porque na época que eu ia fazer faculdade ele falava que fazer psicologia era coisa de doido, que eu não ia ter dinheiro, que ia passar fome”* (Tamiris, 26 anos, Ensino superior completo).

A revisão de literatura desenvolvida por Batista *et al.*, (2021) destaca que ser vítima de uma relação violenta gera diversos agravos à saúde mental das mulheres e um deles é a baixa autoestima. Podemos pensar que quanto mais tempo elas estão expostas à essa violência, maior abalo em sua autoestima é observado. Estar em uma relação violenta

vulnerabiliza as mulheres e as predispõe à sintomas ansiosos. A ansiedade é entendida como uma emoção comum a todos os seres humanos, no entanto, algumas situações podem intensificá-la, o que impacta o cotidiano. Nesse sentido, uma relação abusiva em que há violência física pode desencadear intenso sofrimento mental, como a exacerbação do medo e ansiedade (Batista *et al.*, 2021). Os relatos a seguir destacam a vivência de crises de ansiedade:

*“Com ele eu tive as minhas maiores crises de ansiedade, ele não sabia muito bem o limite de brincadeira e em duas oportunidades, ele brincou sobre estupro comigo. [...] Até que teve um momento que desencadeou uma crise de ansiedade em mim e eu comecei a ficar com as mãos formigando, comecei a sentir falta de ar, não conseguia respirar”* (Márcia, 27 anos, Ensino superior completo).

*“As primeiras semanas depois do término era como se a gente ainda estivesse junto, porque enquanto a gente estava junto, todo dia eu acordava sentindo palpitação, suando frio e tremendo, como se tivesse acontecido alguma coisa. As duas primeiras semanas foi um período assim, que eu ainda acordava e eu ainda tinha muita dificuldade de dormir”* (Cleide, 27 anos, Ensino superior incompleto).

As violências, sejam elas físicas, psicológicas ou sexuais, se associam à piora e vulnerabilização da saúde mental de mulheres, como pudemos ver nos relatos acima. Dessa forma, esse fenômeno se associa à determinados problemas psiquiátricos, a exemplo: depressão, ansiedade, fobias, estresse pós-traumático, uso de drogas, dificuldade para dormir e comportamentos auto lesivos, entre outros. Além disso, a busca de serviços de saúde aumenta quando as mulheres são vitimadas em relações violentas (Medeiros & Zanello, 2018).

### **Considerações Finais**

Como considerações finais podemos observar que as consequências psicológicas para as mulheres que vivenciam relacionamentos marcados por violência são bastante severas. Apesar de termos muitos estudos que abordam a questão da violência contra as

mulheres em uma relação íntima e desenvolvido políticas públicas de combate à violência, como a Lei Maria da Penha (nº 11.340/2006) e a lei do Feminicídio (13.104/15), ainda é possível observar um número alarmante de mulheres que se encontram em tal situação no contexto atual. Além disso, podemos identificar a forte influência dos dispositivos de gênero amoroso e materno na dinâmica dos relacionamentos violentos, o que dificulta a saída das mulheres da relação, representando também mais um fator de vulnerabilidade à sua saúde em seu aspecto biopsicossocial. Essa constatação nos incita ao desenvolvimento de uma nova cultura familiar em que haja ambientes onde as mulheres possam ser empoderadas e os homens estimulados a desenvolver relações mais igualitárias quanto ao cuidado, autonomia e divisão de tarefas com suas companheiras.

Sugerimos que mais estudos sobre a temática sejam realizados e que os serviços de saúde, com o apoio da extensão universitária consigam juntos criar medidas de prevenção a este tipo de vivência. Quanto aos limites do estudo, identifica-se a necessidade de ampliação da pesquisa tanto para mulheres lésbicas ou bissexuais, quanto para homens gays, pois percebe-se a necessidade de estudos que se voltem à população LGBTQIAPN+, que também vem enfrentando violência em relações afetivas de casal. A leitura desse estudo não deve se limitar somente aos pesquisadores, profissionais da saúde e mulheres, mas seus resultados devem ser divulgados também entre os homens, para uma possível e desejável mudança coletiva.

## Referências

- Appolinario, F. (2012). *Metodologia da ciência: Filosofia e prática da pesquisa* (2ª ed.). Cengage Learning.
- Batista, M. N. D. L., Brilhante, A. P. C. R., Martins, T. A., & Parente, N. A. (2021). Saúde mental das mulheres em situação de violência física: revisão integrativa. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 10 (e315101421795), 1-14. <https://doi.org/DOI: http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i14.21795>
- Bobato, S. T., Alves, B., Benvenuti, J. d. N., & Becker, A. P. S. (2021). Violência nos relacionamentos amorosos de estudantes

universitários. *PsicolArgum*, 39(107), 1199-1219. <https://doi.org/doi:10.7213/psicolargum.39.107.AO10>

Braun, V., & Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063o>

Coelho, A. C. V. D., Araujo, G. B., Azevedo, M. J. A. d., Oliveira, L. V. d., Silva, P. T. G. d., Henrique, G. A., & Ramalho, M. F. (2022). Isolamento social, uso de álcool e as notificações de violência física em uma Região do Nordeste Brasileiro, 2016-2021. *Research, Society and Development*, 11(223811225797), 1-5. <https://doi.org/DOI:10.33448/rsd-v11i2.25797>

Dantas-Berger, S. M., & Giffin, K. (2005). A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? *Cad. Saúde Pública*, 2(21), 417-425. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2005000200008>

Ferreira, M. B. d. O., Nogueira, V. M. M., Trindade, P. S. R. L., & Lourenço, L. M. (2022). Sexismo ambivalente relacionado à violência por parceiros íntimos: uma revisão. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 74(e010), 1-24. <https://doi.org/http://doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP-2022v74.19545>

Glick, P., & Fiske, S. (2011). Sexismo Ambivalente Revisitado. *Psicologia da Mulher Trimestral*, 35(3), 530-535. <https://doi.org/10.1177/0361684311414832>

Guimarães, M. C., & Zanello, V. (2022). Enciumar(-se), experiência feminina? dilemas narcísicos sob a ótica interseccional de gênero. *Revista de Psicologia*, 40(2), 1133-1174. <https://doi.org/10.18800/psico.202202.018>

Hing, N., Mullan, C. O., Mainey, L., Nuske, E., Breen, H., & Taylor, A. (2021). Impacts of Male Intimate Partner Violence on Women: A Life Course

- Perspective. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 18(8303), 1-16.  
<https://doi.org/10.3390/ijerph18168303>
- Júnior, L.A.S., & Leão, M.B.C. (2018). O software Atlas.ti como recurso para análise de conteúdo: analisando a robótica no Ensino de Ciências em teses brasileiras. *Ciência. Educação*, 24 (3). Português: <https://doi.org/doi:https://doi.org/10.1590/1516-731320180030011>
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A, Zwi, A. B., Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization; 380 p.
- Lima, P. G. (2018). PESQUISA QUALITATIVA: BASES HISTÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS. *Ensaios Pedagógicos*, 2(1), 5-17.  
<https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/58/83>
- Lindner, SR, Coelho, EBS, Bolsoni, CC, Rojas, PF, & Boing, AF (2015). Prevalência de violência física por parceiro íntimo em homens e mulheres de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil: estudo de base populacional. *Cafajeste. Saúde Pública*, 31 (4), 815-816.  
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00159913>
- Medeiros, M. P. d., & Zanello, V. (2018). Relação entre a violência e a saúde mental das mulheres no Brasil: análise das políticas públicas. *Estud. psicol. psicol*, 18(1), 384-403.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812018000100021&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000100021&lng=pt&tlng=pt)
- Ministério da Saúde. (2020). Violência por parceiro íntimo contra homens e mulheres no Brasil: dados da Vigilância de Violências e Acidentes. *Boletim Epidemiológico*, 51(49)
- Pesce, L., & Abreu, C. B. d. M. (2013). PESQUISA QUALITATIVA: CONSIDERAÇÕES SOBRE AS BASES FILOSÓFICAS E OS PRINCÍPIOS

NORTEADORES. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, 22(40), 19-29.  
<http://educa.fcc.org.br/pdf/faeeba/v22n40/v22n40a03.pdf>

Pichon, M., Treves-Kagan, S., Stern, E., Kyegombe, N., Stöckl, H., & Buller, A. M. (2020). Uma revisão sistemática de métodos mistos: infidelidade, Ciúme romântico e violência por parceiro íntimo contra as mulheres. *Res. Saúde Pública*, 17(5682), 1-35. <https://doi.org/doi:10.3390/ijerph17165682>

Santana, M. d. S., Santos, R. d. S., Barreto, A. C. M., Mouta, R. J. O., & Borges, S. C. d. S. (2022). Vulnerabilidade feminina a violência física no período da pandemia de Covid-19. *Rev enferm UERJ*, 30(65076), 1-8. <https://doi.org/DOI: http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2022.65076>

Silva, R. M. d., Bezerra, I. C., Brasil, C. C. P., & Moura, E. R. F. (2018). *Estudos Qualitativos: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações* (1st ed.). Edições UVA

Vasconcelos, N. M. D., Andrade, F. M. D. d., Gomes, C. S., Pinto, I. V., & Malta, D. C. (2021). Prevalência e fatores associados a violência por parceiro íntimo contra mulheres adultas no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde, 2019., 24(210020). <https://doi.org/10.1590/1980-549720210020.supl.2>

Vasconcelos, N. M. D., Andrade, F. M. D. D., Gomes, C. S., Bernal, R. T. I., & Malta, D. C. (2022). Violência física contra mulheres perpetrada por parceiro íntimo: análise do VIVA Inquérito 2017. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27 (10), 3993-4002. Português: <https://doi.org/DOI: 10.1590/1413-812320222710.08162022>

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação* (1st ed.). Appris

Zanello, V. (2022). *A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. (1st ed.). Appris.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar a temática da violência contra a mulher em relações íntimas foi bastante desafiador para mim enquanto pesquisadora, profissional da saúde e mulher. Em diversos momentos me deparei com a dificuldade da escrita por se tratar de um tema tão sensível e que também me implica por ser mulher. No entanto, o incentivo de poder ajudar mulheres a elaborarem as suas vivências durante as entrevistas e ajudar outras mulheres que estão passando por essa situação me motivou até o último momento da escrita. Assim, através dessa pesquisa, busquei me deixar penetrar pelos relatos difíceis que escutei em diversos momentos na clínica psicológica e nosso cotidiano.

Entende-se a importância de falar sobre esse tema pois, como vimos, muitas mulheres não conhecem seus direitos e desconhecem a lei Maria da Penha (nº 11.340/2006) e a lei do Feminicídio (13.104/15), que amparam mulheres em situação de violência. A importância de denunciar através dos telefones 180 e 190 os casos de violência se faz presente. Também esperamos e buscamos contribuir para que as relações familiares sejam mais igualitárias, pois a mulher ainda exerce o papel de cuidado e se volta ao campo amoroso, ao passo que o homem continua cumprindo com o papel de prover o sustento da família, negligenciando sua saúde no processo.

A pesquisa não incluiu mulheres bissexuais e lésbicas, considerando as especificidades que abarcam as relações homoafetivas, mas atualmente também tem crescido o número de mulheres que se relacionam com outras mulheres e que terminam vivenciando a violência. Mesmo que a relação rompa com os padrões de gênero e sexualidade impostos na nossa cultura, ainda é possível observar comportamentos voltados à lógica patriarcal e machista, até mesmo entre mulheres. Além disso, faz-se referência às mulheres trans que também são violentadas e vítimas de violência em relações. Desse modo, sugere-se a continuidade e exploração dessa temática trazendo as experiências de mulheres nortistas que sofrem violência em relações lésbicas e mulheres trans.

Outro ponto é pensar projetos de extensão nas Universidades para trabalhar a temática da violência em relações íntimas com as mulheres de camada popular, saindo do simples espaço acadêmico e buscando aplicar a teoria e os conhecimentos de modo socialmente mais amplo, para gerar mudanças a partir e no coletivo. Outra lacuna foi não ter conseguido contactar uma mulher fora da faixa etária dos 20 anos de idade para compor o

relato das entrevistas, pois entendemos que o fator idade também influencia na forma como a mulher vítima de violência percebe o processo em que está inserida.

Ressalta-se a ainda que os objetivos foram alcançados e os resultados esperados atingidos. O formato de análise escolhido e o roteiro de entrevista foram norteadores no processo de coleta de dados e, espera-se que em breve o presente trabalho esteja disponível para a comunidade, possibilitando maior reflexão sobre a temática.

## REFERÊNCIAS

- Angelo, T. P. (2018). Zygmunt Bauman, Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. *Revista Mundo Livre*, 4(1), 103-107. <https://periodicos.uff.br/mundolivre/article/view/39961/23035>.
- Appolinario, F. (2012). *Metodologia da ciência: Filosofia e prática da pesquisa* (2ª ed.). Cengage Learning.
- Babo, T., & Jablonski, B. (2002). Folheando o amor contemporâneo nas revistas femininas e masculinas. *ALCEU*, 2(4), 36-53. [http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu\\_n4\\_Babo.pdf](http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n4_Babo.pdf)
- Baére, F. D., & Zanello, V. (2018). O gênero no comportamento suicida: Uma leitura epidemiológica dos dados do Distrito Federal. *Estudos de Psicologia*, 23 (2ª ed.), 168- 178. DOI: 10.22491/1678-4669.20180017.
- Baére, F. d., & Zanello, V. (2020). SUICÍDIO E MASCULINIDADES: UMA ANÁLISE POR MEIO DO GÊNERO E DAS SEXUALIDADES. *Psicol. estud*, 25(44147), 1-15. <https://www.scielo.br/j/pe/a/LzMM7YDThptPXckJkpKnWkn/?lang=pt>.
- Baldissera, D., Paim, K., Predebon, B. M. & Feix, L. F. (2021). Contribuições da Terapia do Esquema em relacionamentos conjugais abusivos: uma revisão narrativa. *PSI UNISC*, 5(1), 51-67. doi: 10.17058/psiunisc.v5i1.15386.
- Barretto, R. S. (2018). RELACIONAMENTOS ABUSIVOS: UMA DISCUSSÃO DOS ENTRAVES AO PONTO FINAL. *GÊNERO*, 18(2), 142-154. <https://doi.org/DOI:10.22409/rg.v18i2.1148>.
- Bauman, Z. (2004). *AMOR LÍQUIDO Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Zahar.

- Beauvoir, S. D. (2019). *O segundo sexo: fatos e mitos* (5ª ed.). Nova Fronteira.
- Berger, P. L. (1985). *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião* (1st ed.). Paulus.
- Boen, M. T., & Lopes, F. L. (2019). Vitimização por stalking: um estudo sobre a prevalência em estudantes universitários. *Revista Estudos Feministas*, 27(2), e50031. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n250031>.
- Braun, V. & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2). pp. 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.
- Butler, J. (2022). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (22th ed.). Civilização Brasileira.
- Datafolha, I.D.P., & Pública, F. B. D. S. (2023). *VISÍVEL E INVISÍVEL: A VITIMIZAÇÃO DE MULHERES NO BRASIL* (4). <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>.
- DataSenado, I.D.P. (2024). *Pesquisa Estadual de Violência contra a Mulher - Amazonas*. [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/649287/Pesquisa\\_estadual\\_violencia\\_contra\\_mulher\\_Amazonas\\_02-2024.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/649287/Pesquisa_estadual_violencia_contra_mulher_Amazonas_02-2024.pdf?sequence=1&isAllowed=y)
- Duarte, C. R. d. S. (2019). *Violência no Namoro: Taxa de incidência em estudantes universitários* [Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. [https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/8315/1/PG\\_Catarina%20Duarte.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/8315/1/PG_Catarina%20Duarte.pdf)

- Fernandes, R. L. & Junqueira, T. L. S. (2021). Homens, gênero e violência contra as mulheres: reflexões sobre sentidos atribuídos às masculinidades. *Fractal, Rev. Psicol*, 33(2), 117-125. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i2/28920>.
- Filho, A. (2022). Uma Nova “Casa Dos Homens”? O Gênero Em Questão Nos Grupos Terapêuticos Masculinos. *Cadernos De Gênero E Diversidade*, 8(4). <https://doi.org/10.9771/cgd.v8i4.49945>.
- Firmino, F. H. & Porchat, P. (2017). FEMINISMO, IDENTIDADE E GÊNERO EM JUDITH BUTLER: APONTAMENTOS A PARTIR DE “PROBLEMAS DE GÊNERO”. *Rev. Bras. Psicol. Educ*, 19(1), 51-61. <https://doi.org/DOI:10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10819>.
- Foucault, M. (1984). *Microfísica do poder* (4th ed.). Graal.
- Foucault, M. (2023). *Microfísica do Poder* (15th ed.). Paz e Terra.
- Freitas, M. F. C. D. & Sales, M. M. (2019). MARIA, MARIAS: NARRATIVAS DE MULHERES SOBRE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 4(7). <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/20769/15043>
- Gomes, L. K. G. R. & Assunção, M. M. S. D. (2021). RELACIONAMENTOS AMOROSOS ABUSIVOS. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 6(12), 271-294. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/28325/19597>.
- Hooks, B. (2021). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Elefante.
- Júnior, L.A.S., & Leão, M.B.C. (2018). O software Atlas.ti como recurso para análise de conteúdo: analisando a robótica no Ensino de Ciências em teses

brasileiras. *Ciência. Educação*, 24 (3). Português: <https://doi.org/doi:https://doi.org/10.1590/1516-731320180030011>

Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization; 380 p.

Lima, P. G. (2018). PESQUISA QUALITATIVA: BASES HISTÓRICAS E EPISTEMOLÓGICAS. *Ensaios Pedagógicos*, 2(1), 5-17. <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/view/58>.

Mascarenhas, M. D. M.; Tomaz, G. R.; Meneses, G. M. S. D.; Rodrigues, M. T. P.; Pereira, V. O. d. M. & Corassa, R. B. (2020). Análise das notificações de violência por parceiro íntimo contra mulheres, Brasil, 2011–2017. *REV BRAS EPIDEMIOL*, 23(200007), 1-13. <https://doi.org/DOI:10.1590/1980-549720200007.supl.1>

Mazzeo, C. C. D. S. (2015). *Preconceito e discriminação de gênero: conceitos, estigmas e educação para a construção de uma nova conduta social* (22th ed.). Juruá Editora.

Minayo, M. C. D. S., Assis, S. G. D., & Njaine, K. (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar?' entre jovens brasileiros* (1st ed.). Editora FIOCRUZ. <https://books.scielo.org/id/4c6bv>.

Minayo, M. C. D. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>.

Muraro, R. M., & Boff, L. (2010). *Feminino e masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Record.

Núñez, G. (2023). *Descolonizando afetos: experimentações sobre outra forma de amar* (2nd ed.). Planeta do Brasil.

- Oliveira, K. N. L. C. D. (2015). *Homens e violência conjugal: Uma perspectiva psicoantropológica* (1st ed.). EDUA.
- Patias, N. D., & Hohendorff, J. V. (2019). Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em estudo*, 24. [doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536](https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536).
- Pereira, P. P. G. (2009). Violência e tecnologias de gênero: tempo e espaço nos jornais. *Estudos Feministas*, 17(2), 485-505. <https://doi.org/DOI:https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200011>.
- Platão. (2017). *O Banquete*. Vozes.
- Rabelo, D. P., Santos, K. C. D. & Aoyama, E. D. A. (2019). INCIDÊNCIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A LEI DO FEMINICÍDIO. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, 1(4), 71-76. <https://revistarebis.rebis.com.br/index.php/rebis/article/view/55/51>.
- Rosa, L. S. D. & Mackedanz, L. F. (2021). A ANÁLISE TEMÁTICA COMO METODOLOGIA NA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS. *Revista Atos de Pesquisa em Educação*, 16 (8574), 1-23. <https://doi.org/DOI:https://dx.doi.org/10.7867/1809-0354202116e8574>.
- Saúde, O.M. (2021). *Estimativas de prevalência de violência contra mulheres, 2018: estimativas de prevalência global, regional e nacional para violência praticada por parceiros íntimos contra mulheres e estimativas de prevalência global e regional para violência sexual não parceira contra mulheres*. <https://who.canto.global/s/KDE1H?viewIndex=0&column=document&id=tfgc8uqvuh0b1157tevomtchlj>.

- Secretaria de Vigilância em Saúde. (2020). Violência por parceiro íntimo contra homens e mulheres no Brasil: dados da Vigilância de Violências e Acidentes. *Boletim Epidemiológico*, 51(49).
- Severino, A. J. (2013). *Metodologia do trabalho científico* (1ª ed.). Cortez.
- Silva, R. M. D., Bezerra, I. C., Brasil, C. C. P. & Moura, E. R. F. (2018). *ESTUDOS QUALITATIVOS: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações*. Edições UVA.
- Souza, L. K. D. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 51-67. <https://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARB2019v71i2p.51-67>.
- Souza, A. C. M. D. & Samico, F. C. (2021). Relacionamentos Abusivos: A dor do amor em distanciamento social na pandemia do Covid-19. *Revista Mosaico*, 12(2), 101-107. [https://doi.org/DOI: https://doi.org/10.21727/rm.v12i2.2792](https://doi.org/DOI:https://doi.org/10.21727/rm.v12i2.2792).
- Souza, D. C. d., & Silva, I. R. d. (2022). *Relacionamentos Abusivos: significados atribuídos por jovens acadêmicos da Universidade Federal do Amazonas* (1st ed.). Editora UEA. <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/4138>.
- Stöckl, H., Devries, K., Rotstein, A., Abrahams, N., Campbell, J., Watts, C. & Moreno, C. G. (2013). The global prevalence of intimate partner homicide: a systematic review. *The Lancet*, 382(9895), 859-865. [https://doi.org/DOI: https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(13\)61030-2](https://doi.org/DOI:https://doi.org/10.1016/S0140-6736(13)61030-2).
- Suy, A. (2022). *A gente mira no amor e acerta na solidão* (1st ed.). Planeta do Brasil.
- Tosta, A. D. S. & Cassepp-Borges, V. (2021). Entendendo os Relacionamentos Íntimos com Comportamento Abusivo por meio da Teoria do Apego. *Revista Interamericana de Psicología*, 55(1276), 1-17. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/6779>.



- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rocco.
- Valenzuela, V. V. V., Vitorino, L. M., Valenzuela, E. V., & Vianna, L. A. C. (2022). Violência por parceiro íntimo e resiliência em mulheres da Amazônia ocidental brasileira. *Acta Paul Enferm*, 35(0199345), 1-8. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO0199345>.
- Vasconcelos, N. M. d., Andrade, F. M. D. d., Gomes, C. S., Pinto, I. V., & Malta, D. C. (2021). Prevalência e fatores associados a violência por parceiro íntimo contra mulheres adultas no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde, 2019., 24(210020). <https://doi.org/10.1590/1980-549720210020.supl.2>.
- Vasconcelos, N. M. D.; Andrade, F. M. D. D.; Gomes, C. S.; Bernal, R. T. I. & Malta, D. C. (2022). Violência física contra mulheres perpetrada por parceiro íntimo: análise do VIVA Inquérito 2017. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(10), 3993-4002. <https://doi.org/DOI: 10.1590/1413-812320222710.08162022>.
- Venturin, B.; Azevedo, T. S. D. L.; Pedroso, M. R. d. O.; Nascimento, L. D. C. N.; Souza, M. V. D. & Leite, F. M. C. (2020). Prevalência e fatores associados à violência contra a mulher cometida pelo parceiro íntimo. *Rev. Bras. Pesq. Saúde*, 22(2), 119-129. <https://periodicos.ufes.br/rbps/article/view/27817/23159>.
- Vergès, F. (2020). *Um feminismo decolonial*. Ubu Editora.
- Viana, R. D. O. (2021). *Aspectos sociais do feminicídio íntimo em Manaus: um estudo sobre a violência doméstica e seu desfecho com o assassinato de mulheres*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas]. TEDE.

[https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8645/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o\\_Rayane\\_Viana-PPGSS.pdf](https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8645/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o_Rayane_Viana-PPGSS.pdf).

Virginia Braun & Victoria Clarke (2006). Using Thematic Analysis in Psychology, *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), 77-101, DOI: [10.1191/1478088706qp063oa](https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa)

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação* (1st ed.). Appris.

Zanello, V. (2022). *A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. (1st ed.). Appris, 3(1).

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA MESTRADO EM PSICOLOGIA

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A Sra. está sendo convidada a participar como voluntária e livre de qualquer remuneração da pesquisa “**Comportamentos abusivos e/ou violentos em relacionamentos íntimos a partir da perspectiva de mulheres amazônidas**”, cuja pesquisadora responsável é Letícia Moura Patrício da Silva, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas e sob orientação da Professora Dra. Denise Machado Duran Gutierrez. O objetivo geral da pesquisa é analisar as experiências de relações abusivas na vida de mulheres amazônidas e heterossexuais. Como objetivos específicos: (1) Identificar os tipos de violência que se faziam presentes nas relações abusivas das participantes; (2) Conhecer as influências dos dispositivos de gênero que sustentavam a relação e permanência das mulheres; (3) Descrever os efeitos de uma relação amorosa marcada por violência na vida atual das participantes. A Sra. está sendo convidada porque compõe o grupo que desejamos dialogar a respeito de sua experiência de um relacionamento íntimo marcado por violência e abusos. A Sra. tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização.

Caso aceite participar, sua participação consiste em contribuir com seus relatos por meio de entrevistas individuais realizadas no lugar em que se sentir confortável, mediante o cumprimento de todas as medidas sanitárias aplicáveis, conforme preconizados pelos órgãos de vigilância sanitária, em combate a COVID 19, como uso da máscara, higienização de mãos com álcool gel e distanciamento. As entrevistas terão duração mínima de cinquenta

minutos e máxima livre. Por isso, solicito consentimento para registro do som das entrevistas. Será assegurado a confidencialidade, a privacidade e a proteção da gravação dos áudios. Apenas a pesquisadora responsável e a orientadora da pesquisa terão acesso aos áudios das entrevistas, garantindo a não utilização de informações que possam prejudicar pessoas ou grupos sociais, de acordo com o item II.2.I., Res. 466/2012/CNS e a Constituição Federal Brasileira de 1988, art. 5º, incisos V, X, XXVIII.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos. Caso ocorra constrangimento ou desconforto em decorrência das temáticas abordadas durante a entrevista, a pesquisadora adotará medidas de precaução e proteção. Essas medidas e providências cabíveis serão discutidas e acordadas com cada participante e podem incluir entre outras:

a) escuta de acolhimento, realizada pela pesquisadora, suspensão da entrevista; e/ou reagendamento da entrevista. E se necessário você poderá ser encaminhado para o serviço de psicologia do CSPA, disponível na Faculdade de psicologia (FAPSI), localizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Os benefícios da pesquisa serão decorrentes das informações empíricas produzidas neste projeto científico colaborativo que podem promover avanços na compreensão das vivências de mulheres a respeito de relações violentas.

Garantimos que, caso necessário, você será ressarcida das despesas oriundas de sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente por meio de débito em conta (incluindo transporte, alimentação e quaisquer despesas oriundas da participação no estudo). Também estão assegurados a Sra. o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos a Sra. o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

Se julgar necessário, a Sra. dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-lo na tomada de decisão livre e esclarecida. Garantimos a Sra. a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. A Sra. pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Letícia Moura Patrício da Silva letmoura\_@hotmail.com ou telefone (92) 99184-8105 ou com sua orientadora Prof. Dra. Denise Machado Duran Gutierrez ddgutie@ufam.edu.br a qualquer tempo, ou ainda no endereço Universidade Federal do Amazonas, Avenida

Anderson de Menezes – Setor Sul – Coroado, telefone geral: (92) 3305-1181. A Sra. também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E- mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Este documento será emitido em duas vias, que serão todas rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas. A Sra. receberá uma via deste documento impresso devidamente assinado para tê-lo em sua posse, antes de iniciarmos a entrevista.

#### **CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO:**

Eu, \_\_\_\_\_ fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. As pesquisadoras certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Assino

\_\_\_\_\_  
Pesquisador

\_\_\_\_\_  
Participante

IMPRESSÃO DIGITAL  
DACTILOSCÓPICA

## APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
PSICOLOGIA MESTRADO EM PSICOLOGIA

Pesquisa: “**Comportamentos abusivos e/ou violentos em relacionamentos íntimos a partir da perspectiva de mulheres amazônidas**”

<b>Identificação</b>
Nome:
Endereço:
Telefone:
Naturalidade:
Data de nascimento: Idade:
Estado Civil: ( ) Solteira ( ) Casada ( ) União Estável ( ) Separada
Escolaridade: ( ) Ens. Superior ( ) Ens. Médio ( ) Ens. Fundamental Modo: ( ) Completo ( ) Incompleto
Profissão: Situação: ( ) Empregada ( ) Desempregada ( ) Autônoma ( ) Outros
Raça/Etnia: ( ) Branca ( ) Pardo ( ) Preto ( ) Amarelo ( ) Indígena ( ) Outros ( ) Não deseja declarar
Religião: ( ) Não possui ( ) Católica ( ) Evangélica ( ) Matriz Africana ( ) Outros

<b>Informações socio-econômicas e familiares</b>
Total de membros na residência:
Parentescos:
No de filhos: Quais as idades?
Quantos residem na casa? Os que não residem, onde moram?
Número de membros que trabalham:
Renda média familiar: ( ) Sem renda fixa ( ) Menos de 1 SM ( ) 1 SM ( ) Mais de 1 SM

( ) Mais de 2 SM
------------------

<b>Seção – Vivência de uma relação íntima abusiva e tipos de violência (Objetivo 1)</b>
1- Você poderia relatar a história do seu relacionamento abusivo?
2- Quais os tipos de violência se faziam presentes na relação?
3- Quais os impactos de vivenciar uma relação amorosa?

<b>Seção - Dispositivos de gênero (Objetivo 2)</b>
4- Durante a relação, você consegue identificar atitudes suas de cuidados para com o parceiro ou a relação?
5- No período da relação, o que um relacionamento amoroso representava para você? Como você definia o amor?

<b>Sessão - Efeitos de vivenciar relação íntima com violências e abusos (Objetivo 3)</b>
6- Vivenciar um relacionamento abusivo causou algum efeito na sua vida passada ou atual? Se sim, quais?
7- Você teve outro relacionamento após a relação violenta? O que você pensa a respeito da ideia de ter um relacionamento amoroso novamente? Que recomendações você daria para outra mulher?

APÊNDICE C – Banner de divulgação da pesquisa

**SE VOCÊ É MULHER, JÁ VIVENCIAU OU VIVENCIA UM RELACIONAMENTO ABUSIVO OU VIOLENTO, TEM ENTRE 18 A 40 ANOS E RESIDE EM MANAUS**

CONTRIBUA COM A PESQUISA DE MESTRADO ACESSANDO O LINK ABAIXO OU QR CODE:







TÍTULO DA PESQUISA:

COMPORTAMENTOS ABUSIVOS E/OU VIOLENTOS EM RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE MULHERES AMAZÔNIDAS





**FAPEAM CAPES**  
Fundação de Amparo à Pesquisa



## ANEXOS

## ANEXO A - Anuência do Centro de serviço de psicologia aplicada (CSPA)

11/10/2023, 10:38

SEI/UFAM - 1743438 - Declaração



Ministério da Educação  
Universidade Federal do Amazonas  
Centro de Serviço de Psicologia Aplicada - FAPSI

## DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que prestaremos apoio, se necessário, aos participantes da pesquisa: "Comportamentos abusivos e/ou violentos em relacionamentos íntimos a partir da perspectiva de mulheres amazônidas", da discente Letícia Moura Patrício da Silva, sob orientação da Prof. Dra. Denise Machado Duran Gutierrez. Trata-se de um estudo de Mestrado, vinculado ao Laboratório de Psicologia da Saúde e ao Grupo de Pesquisa e Estudos Clínico - Sociais, da Faculdade de Psicologia.

Atenciosamente,

Manaus, 11 de outubro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, Coordenador**, em 11/10/2023, às 10:47, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



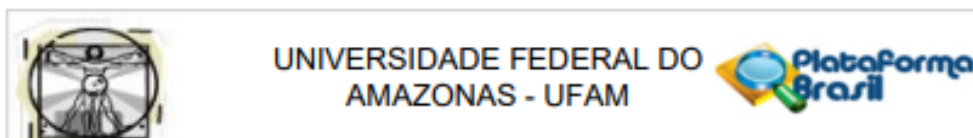
A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1743438** e o código CRC **86E1DED9**.

Av. General Rodrigo Otávio, 6200 - Bairro Coroado I Campus Universitário, Setor Sul, Bloco X - Telefone:  
(92) (92) 3305-1181 / Ramal 2583  
CEP 69080-900 Manaus/AM - [cspa.fapsi@ufam.edu.br](mailto:cspa.fapsi@ufam.edu.br)

Referência: Processo nº 23105.046026/2023-26

SEI nº 1743438

## ANEXO B – Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Comportamentos abusivos e/ou violentos em relacionamentos íntimos a partir da perspectiva de mulheres amazônidas

**Pesquisador:** LETICIA MOURA PATRICIO DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 75114923.0.0000.5020

**Instituição Proponente:** Faculdade de Psicologia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 6.484.590

**Apresentação do Projeto:**

**Resumo:**

Comportamentos abusivos e violentos no âmbito das relações íntimas é fator de risco à vida e saúde mental das mulheres, por ser essa população a que mais sofre com suas consequências. Todos os anos, e em diversos países, mulheres são agredidas por seus parceiros íntimos, namorados ou maridos, por isso a procura por atendimento psicológico é frequente para lidar com tal situação de violência. Para falar sobre a temática, o projeto de pesquisa em questão busca responder as seguintes perguntas: Como mulheres amazônidas experienciaram um relacionamento abusivo? Quais os efeitos de uma relação marcada por violência na vida atual dessas mulheres? Desse modo, o objetivo geral busca analisar as experiências de relações abusivas na vida de mulheres amazônidas e os específicos visam identificar os tipos de violência que se faziam presentes nas relações abusivas das participantes, conhecer as influências dos dispositivos de gênero que sustentavam a relação e permanência das mulheres e descrever os efeitos de uma relação amorosa marcada por violência na vida atual das participantes. O projeto é de cunho qualitativo e para a compreensão dos resultados a Análise Temática (AT) será utilizada devido a sua relevância em estudos qualitativos.

**Hipótese:**

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

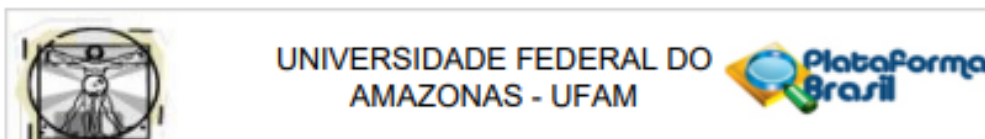
**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3305-1181

**CEP:** 69.057-070

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.484.590

Não se aplica.

#### Metodologia Proposta:

O presente projeto de pesquisa apresenta caráter qualitativo, desse modo, interessa a subjetividade e experiências vivenciadas pelas participantes de pesquisa, buscando a interpretação do fenômeno a ser pesquisado a partir da construção de um espaço vivido entre pesquisadora e grupo de participantes (Patias & Hohendorff, 2019). Além disso, a pesquisa qualitativa fornece bases científicas suficientes para se pensar um objeto de estudo (Minayo, 2012).

Diante disso, a grande tarefa e preocupação da pesquisa qualitativa é tematizar o objeto de estudo em uma realidade plural, dinâmica, social e contextualizar relações, cuja finalidade é obter uma compreensão mais robusta e profunda do objeto. Em pesquisa qualitativa o objeto é visto em sua realidade social, a partir de um indivíduo que é ativo na formulação de sua própria realidade e do meio social (Lima, 2018).

O tipo de pesquisa será descritivo, portanto, pretende-se descrever a realidade tal como ela se mostra e, por ser uma pesquisa de campo, os dados serão coletados em uma situação sem o monitoramento rígido, pois as participantes estarão em seus contextos naturais. Em relação à temporalidade da pesquisa este projeto apresenta o modelo transversal, nesse caso, as participantes serão entrevistadas somente uma vez. As participantes de pesquisa serão selecionadas pela conveniência da pesquisadora, ou seja, nesse formato o pesquisador escolhe as participantes de pesquisa que serão entrevistadas (Appolinário, 2012).

Estima-se que o grupo de participantes seja composto por 10 mulheres adultas, com idade entre 18 a 40 anos e que vivenciaram ou estão vivenciando um relacionamento íntimo marcado por violência. Para contatar as participantes de pesquisa, a pesquisadora irá compartilhar em suas redes sociais, tais como twitter, instagram e whatsapp um card com um link para o Google Forms, para que as mulheres interessadas na pesquisa cadastrem seu e-mail e telefone para contato. Vale destacar que a pesquisadora possui experiência prévia com este formato de divulgação de pesquisa em trabalhos anteriores. O critério de saturação teórica será considerado durante esta etapa, portanto, a coleta de dados será considerada saturada quando nenhuma informação nova precisar ser acrescentada, pois o fenômeno não terá seu entendimento alterado. As entrevistas semi-estruturadas serão realizadas e a partir das respostas a pesquisadora anotará as repetições. Quando nenhum novo tema for registrado, encontra-se o ponto de saturação e as coletas serão

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

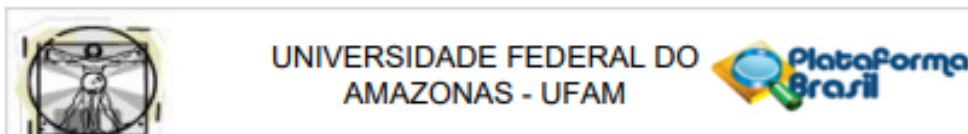
**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.484.590

encerradas (Nascimento et al., 2018). Em seguida, a pesquisadora irá entrar em contato com as participantes, se apresentando e falando brevemente sobre a pesquisa. Nesse primeiro contato via whatsapp ou e-mail, as principais dúvidas serão esclarecidas e a entrevista presencial será marcada, após a confirmação de que a participante preenche todos os elementos de inclusão da pesquisa e não apresenta algum motivo que poderia eliminá-la.

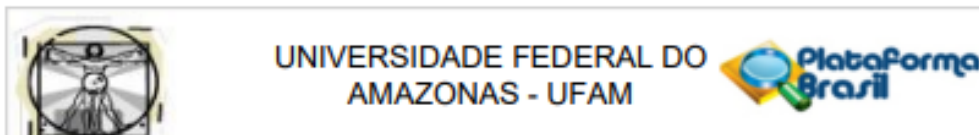
O local da entrevista será indicado pela própria participante, pois a pesquisadora preza pelo conforto, bem-estar e autonomia das participantes. Desse modo, a pesquisadora estará à disposição para ir ao encontro das participantes, independentemente do local escolhido. Para iniciar a entrevista a pesquisadora lerá o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para as participantes e levará duas vias de igual teor para as devidas assinaturas. Após a assinatura do TCLE, uma via ficará com a participante e a segunda via com a pesquisadora. Em seguida, a pesquisadora solicitará o consentimento das participantes para a gravação do áudio da entrevista, caso a participante não permita a gravação, a pesquisadora respeitará sua decisão e, após a entrevista, irá escrever tudo o que a entrevistada relatou. Com a confirmação da participante e permissão da gravação do áudio, a pesquisadora começará a entrevista.

#### Metodologia de Análise de Dados:

A Análise Temática (AT) será utilizada para a análise dos dados obtidos das entrevistas. Neste tipo de análise, pretende-se a partir de um conjunto de informações oriundas de entrevistas ou qualquer outra forma qualitativa para coleta de dados, identificar padrões e repetições de significados nas falas das participantes (Rosa & Mackedanz, 2021). A AT destaca seis fases necessárias para o processo de análise, que serão destacadas a seguir (Braun & Clarke, 2006; Souza, 2019; Rosa & Mackedanz, 2021):

- Fase 1 - Familiarização com os dados: destaca que o pesquisador deve ler e reler incessantemente o material, para que assim consiga se aprofundar sobre o material. O início da análise requer um contato anterior com os dados, sendo essa fase o elemento central de todo o processo de análise. Nessa fase, o pesquisador poderá anotar ideias iniciais para codificação e análise posterior. Ao final da primeira etapa, o pesquisador está apto a realizar a codificação, processo esse que é feito em todo o processo de análise.
- Fase 2 - Geração dos códigos iniciais: Como o nome já diz, são criados códigos iniciais a partir

<b>Endereço:</b> Rua Teresina, 4950	<b>CEP:</b> 69.057-070
<b>Bairro:</b> Adrianópolis	
<b>UF:</b> AM	<b>Município:</b> MANAUS
<b>Telefone:</b> (92)3305-1181	<b>E-mail:</b> cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.484.590

da leitura dos dados. Os códigos refletem um conteúdo latente e semântico que são de extrema importância para o pesquisador. O processo de codificar os dados faz parte da análise tendo em vista que estão sendo organizados grupos que carregam significados. Na codificação é necessário identificar se os temas são oriundos dos dados ou resultantes da teoria. O processo de codificar pode ser realizado manualmente ou através de uso de software e nesse processo é válido analisar atentamente cada entrevista para identificar os temas, ou padrões repetidos. Para a codificação dos dados da presente pesquisa será utilizada canetas coloridas e adesivos coloridos para destacar os possíveis padrões. Após todos os dados serem codificados cuidadosamente, segue-se para a fase 3.

- Fase 3 - Busca por temas: É feita uma filtragem buscando por possíveis temas, a partir dos dados codificados, definindo os principais temas, subtemas ou descarte dos códigos que não responderem à questão de pesquisa. Nesse momento o pesquisador analisa os códigos e começa a combinar códigos diferentes para a formação de um tema abrangente. Representações visuais serão utilizadas para melhor representar a organização dos diferentes códigos nos temas. A pesquisadora optará por demonstrar a análise através de mapas temáticos. Nesse momento é possível começar a destacar as relações entre os temas principais e subtemas.

- Fase 4 - Revisão de temas: Dois momentos são necessários para refinar os dados. Nessa fase, fica perceptível se alguns temas não são necessariamente temas, se dois temas que estão separados podem formar um tema único ou se os temas precisam ser divididos. Os temas devem abarcar dados que tenham um padrão que possibilite identificar semelhança entre eles. Também é necessário avaliar se os temas possuem um padrão que coloque homogeneidade interna entre eles, ao mesmo tempo em que também seja observar diferenciações claras em cada tema separadamente. Em um primeiro momento é feita uma revisão dos extratos codificados nos dados e análise para verificar se eles apresentam um padrão coerente e, se possível identificar esse padrão, segue-se para a etapa 2 da Fase 4. Na segunda etapa, ocorre a refinação dos temas, considera-se a validade dos temas em relação ao banco de dados e também avalia se o mapa temático demonstra os significados presentes no banco de dados como um todo.

- Fase 5 - Definição e denominação dos temas: Nessa etapa é necessário ter um mapa temático coerente com os dados. Ocorre um refinamento maior dos temas, já pensando nas filtragens finais. Precisa ficar claro para o pesquisador quais são os temas e os títulos dos temas são criados nesta etapa.

Fase 6 - Produção do relatório: É feita a análise final e escrita do relatório, a partir dos dados que já foram trabalhados.

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

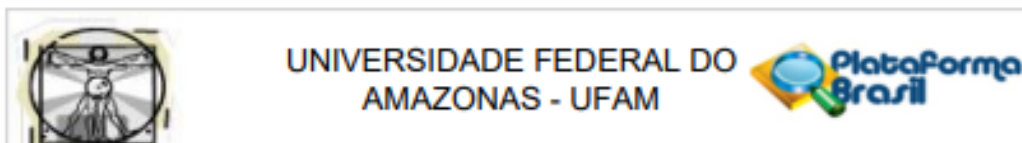
**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.484.590

**Critério de Inclusão:**

- Mulheres que sofrem violência em relações íntimas;
- Com idade entre 18 a 40 anos;
- Naturais do estado do Amazonas;
- Residentes do município de Manaus.

**Critério de Exclusão:**

- Mulheres grávidas;
- Mulheres que possuam transtorno mental que impossibilite a comunicação;
- Mulheres indígenas.

Tamanho da Amostra no Brasil: 10

O Cronograma de Execução está detalhado (?) e prevê as etapas: Realização das disciplinas do mestrado; Revisão de literatura; Elaboração do projeto de pesquisa; Elaboração do projeto de pesquisa; Submissão ao comitê de ética; Coleta de dados; Análise dos resultados; Elaboração e submissão de artigo científico com os resultados; Escrita do relatório final da Dissertação; Defesa da dissertação.

O Orçamento Financeiro está detalhado e prevê um custo de R\$ 5450,00.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Analisar as experiências de relações abusivas na vida de mulheres amazônicas.

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

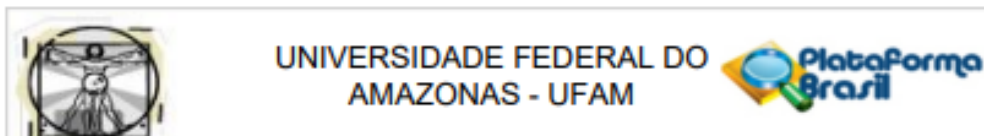
**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.484.590

**Objetivo Secundário:**

- Identificar os tipos de violência que se faziam presentes nas relações abusivas das participantes;
- Conhecer as influências dos dispositivos de gênero que sustentavam a relação e permanência das mulheres;
- Descrever os efeitos de uma relação amorosa marcada por violência na vida atual das participantes.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com o(a) pesquisador(a) responsável:

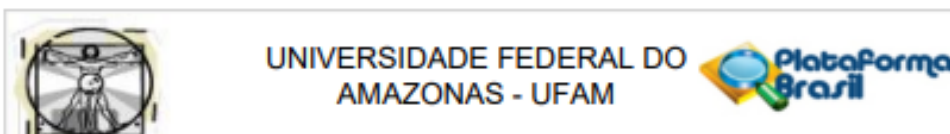
**Riscos:**

Por se tratar de uma pesquisa que envolverá seres humanos, o projeto seguirá as medidas indicadas nas resoluções 466/12-CNS que dispõe acerca da bioética e os direitos e deveres dos participantes, comunidade científica e Estado e 510/16-CNS que dispõe as normas aplicadas em pesquisas em ciências humanas e sociais, cujo dados sejam obtidos diretamente com os participantes. Desse modo, algumas medidas serão tomadas para manter o bem estar e ética da pesquisa.

Caso a participante desista da entrevista em qualquer etapa da pesquisa, a sua escolha será respeitada. As entrevistas terão duração mínima de cinquenta minutos e máxima livre. Por isso, será solicitado o consentimento para registro do som das entrevistas. Será assegurado a confidencialidade, a privacidade e a proteção da gravação dos áudios. Apenas a pesquisadora responsável e a orientadora da pesquisa terão acesso aos áudios das entrevistas, garantindo a não utilização de informações que possam prejudicar pessoas ou grupos sociais, de acordo com o item II.2.1., Res. 466/2012/CNS e a Constituição Federal Brasileira de 1988, art. 5º, incisos V, X, XXVIII.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, no entanto, medidas serão tomadas para minimização destes. Levando em conta que as participantes estarão relatando e relembando um processo de violência que vivenciaram é necessário tomar certos cuidados. Caso alguma participante experimente algum mal-estar psicológico em detrimento da pesquisa, a pesquisadora tomará medidas e providências cabíveis, discutidas e acordadas com cada participante, que podem incluir a suspensão da entrevista e/ou reagendamento da entrevista. Se necessário a participante

<b>Endereço:</b> Rua Teresina, 4950	<b>CEP:</b> 69.057-070
<b>Bairro:</b> Adrianópolis	
<b>UF:</b> AM	<b>Município:</b> MANAUS
<b>Telefone:</b> (92)3305-1181	<b>E-mail:</b> cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.484.590

poderá ser encaminhada para o serviço de psicologia do CSPA, disponível na Faculdade de psicologia (FAPSI), localizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

**Benefícios:**

Como benefícios identifica-se a possibilidade das participantes ressignificarem, no momento do relato da entrevista, as relações violentas vividas, bem como, a partir da fala conseguirem colocar para fora situações difíceis, obtendo assim um certo alívio. Para a comunidade científica, este estudo irá contribuir com dados robustos no que tange a violência praticada por mulheres dentro de relações íntimas.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de protocolo de versão 1 do projeto "Comportamentos abusivos e/ou violentos em relacionamentos íntimos a partir da perspectiva de mulheres amazônidas". A pesquisadora é Mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFAM, linha Processos Psicológicos e Saúde, sob orientação da Profa. Dra. Denise Machado Duran Gutierrez, a qual faz parte da equipe de pesquisa.

O protocolo trata de projeto que deve atender as Resoluções 466/2012-CNS e nº 510/2016 CNS.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

**FOLHA DE ROSTO:** ADEQUADA. Apresentada no arquivo FOLHA\_DE\_ROSTO.pdf, com a assinatura da pesquisadora e do Coordenador do Mestrado da PPGPSI-UFAM, Prof. DR. Breno Ferreira, como instituição proponente.

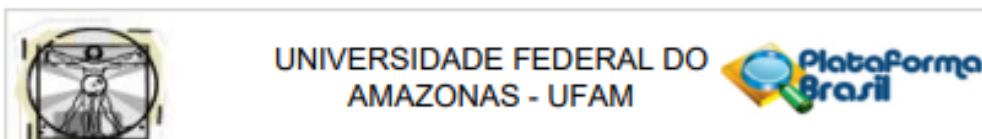
**TERMO DE ANUÊNCIA DO CSPA:** ADEQUADO. Apresentado no arquivo Anuencia\_CSPA\_Leticia.pdf, a anuência assinada por SÉRGIO SÓCRATES, Coordenador do CSPA.

**INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS:** ADEQUADO. Apresentado como Anexo do Projeto Detalhado, arquivo Projeto\_de\_pesquisa.pdf.

**TCLE:** NECESSITA ADEQUADO. Apresentado no arquivo TCLE.pdf.

**Endereço:** Rua Teresina, 4950  
**Bairro:** Adrianópolis **CEP:** 69.057-070  
**UF:** AM **Município:** MANAUS  
**Telefone:** (92)3305-1181 **E-mail:** cep.ufam@gmail.com





Continuação do Parecer: 6.484.590

**Recomendações:**

Sugere-se incluir no Tópico de Metodologia, quanto a descrição das participantes, a caracterização da amostra, a qual está presente no TCLE: "mulheres amazônicas e heterossexuais". Tal ponto parece ser importante, pois a heterossexualidade é mencionada tanto no TCLE quanto na fundamentação teórica do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O Projeto apresentado está alinhado com as exigências éticas e legais das Resoluções 466/2012-CN e 510/2016-CNS.

Assim, salvo melhor juízo, este Parecer é favorável à aprovação do presente protocolo.

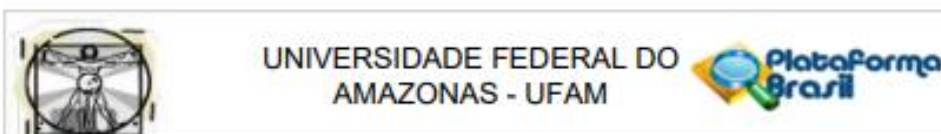
**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2227370.pdf	13/10/2023 16:04:42		Aceito
Outros	Anuencia_CSPA_Leticia.pdf	13/10/2023 16:01:38	LETICIA MOURA PATRICIO DA SILVA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	13/10/2023 15:58:01	LETICIA MOURA PATRICIO DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	13/10/2023 15:50:47	LETICIA MOURA PATRICIO DA SILVA	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_ETICO.pdf	09/10/2023 11:43:57	LETICIA MOURA PATRICIO DA SILVA	Aceito
Outros	ROTEIRO_DE_ENTREVISTA.pdf	07/10/2023 18:12:49	LETICIA MOURA PATRICIO DA SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	07/10/2023 18:11:35	LETICIA MOURA PATRICIO DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	07/10/2023 18:11:27	LETICIA MOURA PATRICIO DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.pdf	07/10/2023 18:10:44	LETICIA MOURA PATRICIO DA SILVA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Endereço: Rua Teresina, 4950  
 Bairro: Adrianópolis  
 UF: AM Município: MANAUS  
 Telefone: (92)3305-1181  
 CEP: 69.057-070  
 E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 6.484.590

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MANAUS, 05 de Novembro de 2023

---

**Assinado por:**

**Eliana Maria Pereira da Fonseca  
(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua Teresina, 4950

**Bairro:** Adrianópolis

**UF:** AM

**Município:** MANAUS

**CEP:** 69.057-070

**Telefone:** (92)3305-1181

**E-mail:** cep.ufam@gmail.com